

8-30-2011

TragiCIDADE- REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E NEGAÇÃO DE CIDADANIA NA FICÇÃO URBANA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Daniela Meireles

Follow this and additional works at: https://digitalrepository.unm.edu/span_etds

 Part of the [European Languages and Societies Commons](#), and the [Latin American Languages and Societies Commons](#)

Recommended Citation

Meireles, Daniela. "TragiCIDADE- REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E NEGAÇÃO DE CIDADANIA NA FICÇÃO URBANA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA." (2011). https://digitalrepository.unm.edu/span_etds/25

This Thesis is brought to you for free and open access by the Electronic Theses and Dissertations at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Spanish and Portuguese ETDs by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact disc@unm.edu.

Daniela Cristina Leal Meireles
Candidate

Department of Spanish and Portuguese
Department

This thesis is approved and is acceptable in quality for publication:

Approved by the Thesis Committee

Professor Leila Lehnen, **Chairperson**

Professor Margo Milleret

Professor Kimberle López

Professor Kathryn McKnight

**TragiCIDADE- REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E NEGAÇÃO DE
CIDADANIA NA FICÇÃO URBANA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

BY

DANIELA CRISTINA LEAL MEIRELES

B.A. ENGLISH, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

THESIS

Submitted in Partial Fulfillment of the
Requirements for the Degree of

**Master of Arts
Portuguese**

The University of New Mexico
Albuquerque, New Mexico

July 2011

AGRADECIMENTOS

- Agradeço a Deus que através das minhas orações me deu ânimo e paz de espírito para persistir na escrita desta tese.
- Agradeço a meus pais, Marco e Marilene, pelo amor incondicional, apoio emocional e financeiro, aos meus irmãos Aldo, Rafaela, Isabela e Graziella pela torcida, Letícia minha sobrinha, colírio dos meus olhos, e ao Vanderley pelo incentivo de sempre.
- Meu muito obrigada a Professora Leila Lehnen pelo encorajamento, paciência e confiança. Obrigada a Professora Margo Milleret, Kimberle Lopez e Kathryn McKnight pela orientação.
- Obrigada aos escritores Marcelino Freire, Ana Paula Maia e Luiz Ruffato pela disponibilidade de sempre e Fernando Bonassi pela valiosa conversa sobre literatura e sociedade brasileira contemporânea.
- Sou grata aos meus amigos Rachel Spaulding e Chamil Fernando por terem sido verdadeiros irmãos nessa caminhada.
- Obrigada aos colegas do Departamento de Português, Glênia, Felipe, Carla, Diogo e Danielle pelos momentos de descontração.
- Obrigada Adrienne Gonzales, Julie Redekopp e Daniel De Francisco pela amizade e apoio.
- Enfim, dedico esta tese ao meu país que tanto amo, o Brasil, no qual tenho esperança de um futuro melhor para cada brasileiro.

**TragiCIDADE- REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E NEGAÇÃO DE
CIDADANIA NA FICÇÃO URBANA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA**

BY

DANIELA CRISTINA LEAL MEIRELES

B.A. English, Universidade Federal de Minas Gerais, 2000

M.A. Portuguese, University of New Mexico, 2011

ABSTRACT

This thesis focuses on the fictional writings of three contemporary Brazilian authors: Ana Paula Maia, Luiz Ruffato and Marcelino Freire. In selected works of the three above-mentioned writers, I examine the intertwined representation of social violence and denial of citizenship. The thesis inquires into the way literature depicts and critiques socio-economic difference and proposes – within the fictional realm – modes of reclaiming agency through written expression. Specifically, I examine how violence is broached in contemporary Brazilian literature - what are the aesthetic tools employed to portray violence, why they are used and what is the ideology and the discursive goals in this representation. Additionally, I investigate how the city is an integral element in this process of social empowerment and disempowerment, inquiring into how violence and ensuing social tension change the metropolis' cultural and social landscape.

ÍNDICE

Introdução: Espaço urbano brasileiro, violência e negação de cidadania.....	1
Capítulo I- As fontes da discriminação e do medo- relações entre classes na esfera pública brasileira representadas nos contos de Marcelino Freire	21
Capítulo II- Sobre porcos, cães e homens: violência e negação de cidadania em <i>Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos</i> de Ana Paula Maia	47
Capítulo III- Escombros da “cidade da garoa”	69
Conclusão.....	94
Referência Bibliográfica	104

Introdução: Espaço urbano brasileiro, violência e negação de cidadania

Desde 1940, a sociedade brasileira veio experimentando intenso crescimento industrial que, conforme Teresa P.R. Caldeira (2000), teve como uma de suas consequências a rápida urbanização de cidades ligadas a centros industriais tais como, por exemplo, São Paulo. Assim, a socióloga observa que a população da capital paulista, recebendo um fluxo migratório de pessoas vindas de outras regiões e cidades do país, cresceu 5.5 por cento ao ano entre 1940 e 1970 (41).

Nesse momento, a estrutura social urbana era constituída por três grandes segmentos. De acordo com Caldeira (2000), “O primeiro, formado por grupos ocupacionais de renda alta ou muito alta, numericamente reduzido mas com grande poder de compra e influência social e política numa sociedade que se tornou mais autoritária e elitista durante esse período. O segundo, contingentes significativos- colarinhos brancos e azuis- de pessoas incorporadas aos setores produtivos mais dinâmicos e modernos. Finalmente, uma massa de pobres subempregados” (47). A marca social do crescimento econômico brasileiro desse período é a combinação de desenvolvimento e desigualdade.

O crescimento da indústria e da economia brasileira da década de 40, foi assolado por vários momentos de crise econômica com graves consequências sociais. Apesar do desenvolvimento industrial ter-se estendido até a década de 70, as décadas de 80 e 90 foram socioeconomicamente mais incertas. Nos anos 80, o Brasil passou por uma série de mudanças que influenciaram o cenário político, social e econômico do país. Dentre essas mudanças, citamos a campanha por *Diretas Já* (pelas eleições diretas no ano de 1984) e em meados de 1980, após a transição à democracia em 1985 (mas já a partir da crise de

1973), o país passou por várias crises econômicas cujos sintomas incluíam aumento da inflação, do desemprego e crescimento da violência social nas metrópoles brasileiras. Assim, paradoxalmente, o otimismo que acompanhou a abertura política desembocou pouco a pouco em sentimentos de pessimismo e em incertezas socioeconômicas.

Na esfera econômica, a tentativa do então Presidente da República José Sarney (1985-1990) para combater a crise¹, somente fez agravar a inflação e a recessão no país. A crise econômica atingiu a todos, mas em especial as pessoas mais carentes da nação. Assim, Caldeira (2000) revela que “...poverty grew to alarming dimensions in the early 1990’s. Recent research demonstrates that the effects of crisis were especially harsh among the poor and aggravated the already unequal distribution of wealth” (47). No início dos anos 90, mais uma vez a inflação, o desemprego e a recessão atingiram mais severamente os pobres, agravando a desigual distribuição da renda brasileira (Caldeira 2000), como já citado anteriormente.

A insegurança social e financeira da população brasileira piorou com a implementação de políticas internas neoliberais², principalmente durante a presidência de Fernando Collor de Mello (1990-1992)³, Itamar Franco (1992-1995) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) (Negrão 2011). O neoliberalismo globalizante, implementado no Brasil na década de 90, tinha como objetivo encontrar o fim da crise econômica nacional. E embora estas políticas tenham trazido crescimento e melhoria nas instâncias políticas e econômicas de alguns países em desenvolvimento, como o Brasil,

¹ Sarney criou o “Plano Cruzado” para tentar combater a inflação e estabilizar a economia. O plano logo apresentou problemas e o consumidor era obrigado a pagar mais sobre o preço estipulado pelo congelamento. O “Plano Cruzado II” congelou os preços muito acima da realidade do mercado e com o tempo a inflação voltou a crescer.

² Políticas caracterizadas pela eliminação da esfera pública, total abertura para as corporações e gastos esqueléticos no aspecto social. A maior característica de tais políticas é a transferência da riqueza pública para mãos privadas, criando um “gap” ainda maior entre os muito ricos e os miseráveis. (Klein 2007)

³ O Presidente Collor foi deposto após *impeachment* em 1992.

elas também trouxeram “efeitos colaterais” menos positivos (Bauman 2004, 5), como desigualdade social acentuada.

Posteriormente, entre 1998 e 2010, apesar da vitória do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011), o candidato da “massa”, a democracia, embora completamente consolidada no âmbito político, ainda mostra sinais de deficiência no que tange as esferas civil e social. Luis Bittencourt em seu ensaio “Crime and Violence: Challenges to Democracy in Brasil” ao comentar a transição do governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso para o governo Lula, compartilha do entusiasmo da democracia brasileira desse período. No entanto, está menos otimista em relação à qualidade da mesma. Bittencourt avalia que a democracia brasileira nesse momento não seja capaz de garantir os direitos civis e sociais de todos os cidadãos brasileiros (171). Holston (2008) explica essa condição da cidadania brasileira utilizando-se de dois termos que doravante usarei para qualificar a cidadania no Brasil. O primeiro é “democracia disjuntiva” que, de acordo com Holston, descreve um sistema social marcado pela violação dos direitos civis e sociais, pela violência e injustiça. O segundo é a “cidadania diferenciada” que fornece tratamento especial para algumas categorias de cidadãos que o estado diferencia, regula e premia através de regalias financeiras ou legais, como, por exemplo, a não punição à políticos corruptos ou seus comparsas. Para a maioria das pessoas esse sistema é cruel e implica em falta de direitos e poderes, tendo como resultado, vulnerabilidade social e econômica. Nesses moldes, a cidadania é formulada como maneira de distribuir direitos a alguns cidadãos e negá-los a outros (19).

O acelerado processo de urbanização da cidade de São Paulo e de outras megalópoles brasileiras⁴, dá-se em meio à cidadanias disjuntivas e/ou diferenciadas. Esse processo acontece também em meio ao contexto sociopolítico e econômico descrito acima - desde 1940, até o momento atual - quando governa a sucessora ao governo Lula, a presidente Dilma Rousseff (2011- presente)⁵. E as condições socioeconômicas supracitadas tiveram influência não somente na cartografia e infra-estrutura da megalópole brasileira, mas também no seu quadro humano.

Apesar das melhorias sociais já atingidas ainda no governo de Lula⁶, o Brasil continua a ser um país marcado por enorme disparidade de *status* socioeconômicos entre as distintas classes sociais existentes no país. Pessoas que migram de outras regiões do país para São Paulo, vinham e vêm principalmente em busca de ascensão socioeconômica. No entanto, depois de sua chegada à São Paulo e/ou outros centros metropolitanos tais como Rio de Janeiro e Belo Horizonte, muitas delas permanecem em igual ou pior condição econômica por causa das poucas oportunidades no mercado empregatício, especialmente para pessoas com pouca experiência ou formação acadêmica. Essas passam a integrar a já existente massa populacional às margens do sistema social. Esses cidadãos compõem a classe social a que denominaremos

⁴ Embora São Paulo apresente o exemplo mais expressivo de industrialização e urbanização, esta foi intensa em todo o país. (Caldeira 2000, 46)

⁵ Dilma Rousseff tomou posse na Presidência da República do Brasil no ano de 2010. A presidente, simpática às políticas sociais implementadas pelo ex-presidente Lula, promete dar continuidade ao projeto social que este veio implementando desde 2003, época do seu primeiro mandato presidencial, que se estendeu até o ano de 2010.

⁶ Dentre as melhorias mais significativas para a qualidade de vida dos cidadãos, citamos a criação de mais postos de emprego, mobilização social, aumento na abertura de crédito para o povo, criação de universidades federais, aumento do valor do salário mínimo, dentre outras, além da continuação e melhoria do programa de assistência social “Bolsa Família”.

“subalternos” (Spivak 1998)⁷, privados de direitos sociais básicos à sobrevivência diária⁸, convivendo em meio ao crime e à violência que advém, dentre outras causas discutidas ao longo desta tese⁹, dos altos índices de desemprego que aumentam a criminalidade¹⁰ e da presença de “sem-tetos”¹¹ e mendigos espalhados ao longo dos grandes centros urbanos brasileiros.

Devido à presença desses sujeitos subalternos que na percepção dos setores sociais privilegiados “poluem” a paisagem urbana frequentada pelas classes alta e média, e, principalmente, à crescente violência que se instalou nas cidades brasileiras, a esfera pública¹² fraturou-se, tornando-se uma área hostil evitada especialmente pelas classes altas e médias.

Diante do quadro social conflituoso que predomina atualmente, pergunto-me: o espaço urbano brasileiro ainda pode ser concebido como uma esfera pública, onde as diversas classes sociais se misturam e interagem? Sob alguns aspectos sim, pois ainda há interação social no meio urbano, haja vista que ainda há encontros de pessoas de classes sociais distintas em ruas e avenidas da cidade, ou mesmo dentro dos transportes públicos. Por outro lado, talvez a crença em uma esfera pública homogênea tenha sido uma idéia embutida no pensamento brasileiro a partir do mito da democracia racial¹³. No entanto, o senso de comunidade e de integração entre os cidadãos está debilitando-se devido às

⁷ Termo cunhado pela crítica e teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak em seu ensaio *Can the subaltern speak?* (1998). Subalternos, periféricos, minoritários ou marginais foram termos escolhidos para classificar parte dos personagens das histórias aqui analisadas, por serem aqueles que não pertencem ao centro da sociedade e que são ignorados pelo sistema social, contraposto às classes média e alta.

⁸ Negação de acesso à moradia, trabalho, alimentação, saúde e educação para citar alguns.

⁹ Além da causa social, causas culturais e simbólicas da violência.

¹⁰ Roubos, assaltos, sequestros, uso de drogas.

¹¹ Termo que designa pessoas que não possuem casa.

¹² No conceito do sociólogo alemão Jürgen Habermas (1962), a esfera pública é a esfera da vida social em que o “privado” se une num espaço discursivo para formar o “público” quando indivíduos discutem problemas sociais de interesse comum.

¹³ Nessa crença, o Brasil teria construído uma nação na qual a raça não é fator de exclusão social.

tensões materiais e simbólicas¹⁴ que existem entre as diversas classes sociais. Para Caldeira (2000) a erosão do espaço público de São Paulo se deve, dentre outras causas como o próprio planejamento urbano, à crescente violência urbana que promove a segregação física da metrópole.

A fragmentação do território metropolitano brasileiro deixa transparecer duas questões sociais importantes: a discriminação social e o descrédito da população nos mecanismos de segurança pública¹⁵. Os dois segmentos sociais (classes média e alta contrapostos aos “subalternos”) acima citados usam o discurso do medo para justificar o abandono de certas áreas da cidade, onde vivem grupos sociais caracterizados como “perigosos”. Uma consequência é o crescimento das chamadas “cidades privadas” (Caldeira 2000)¹⁶. O estudo de Caldeira sobre São Paulo¹⁷ mostra que as referidas “cidades” reforçam a discriminação social, legitimam práticas de distanciamento, segregação e homogeneização socioeconômica¹⁸. O discurso do medo e da violência, assim, tanto geram quanto justificam a separação social e geográfica incrementando o já existente estranhamento social nas metrópoles brasileiras.

¹⁴ Presentes não somente em contatos interpessoais agressivos, criminalidade, mas também em discursos midiáticos e, em termos mais gerais, culturais (na música, no cinema e na literatura).

¹⁵ Apesar de as classes sociais mais altas contarem com a proteção da segurança pública, os subalternos a temem. Essa classe social sofre discriminação da polícia (órgão responsável pela segurança) ao serem mais comumente relacionados ao crime (Caldeira 2000). Apesar de terem privilégio na proteção oferecida pelo Estado, as classes sociais altas deixam transparecer a descrença nesse aparato ao empregarem técnicas extra de proteção em suas casas, prédios ou condomínios como cercas e portões elétricos, além de contratarem empregados de segurança fornecidos por empresas privadas.

¹⁶ Espaços de isolamento construídos pelas classes média e alta, tais como condomínios fechados, espaços comerciais como *malls* e *shopping centers*.

¹⁷ As conclusões do trabalho de Caldeira (2000) sobre São Paulo também servem para a discussão sobre a vida em sociedade de outros centros urbanos brasileiros pois o processo sociopolítico e econômico do país que culminaram nas consequências sociais se deu nessas outras cidades da mesma forma que em São Paulo.

¹⁸ Como por exemplo o abandono dos transportes públicos pelas classes altas que preferem fazer uso de carros privados, ou a construção de *shopping centers* ou *malls* para evita o uso dos centros comerciais de ruas e avenidas.

O conceito de fragmentação urbana é primordial para esta tese devido à sua ligação com a negação de cidadania nas denominadas “democracias disjuntivas” que ganha visibilidade exacerbada no cenário da metrópole dividida. A erosão da esfera pública - emblematizada pelo deterioro dos espaços públicos metropolitanos - é concomitante à debilitação da cidadania representada no trabalho ficcional dos três autores brasileiros contemporâneos que servem como exemplo do fenômeno descrito acima: Marcelino Freire, Ana Paula Maia e Luiz Ruffato. A presente tese não se propõe a analisar as causas sociais da violência em si, mas pretende investigar a representação, na ficção, dos efeitos da violência na vida dos cidadãos brasileiros e as modificações estratégicas que a violência causa na paisagem urbana. Os textos dos três autores supracitados, não somente expõem os problemas da vida social brasileira, mas os criticam e, assim, convidam o leitor à reflexão sobre os mesmos.

A escolha do tema da violência urbana e das obras que o representa literariamente foi feita devido à importância de se investigar os fenômenos políticos, sociais e antropológicos por trás da degradação da convivência pública que faz com que os brasileiros se sintam tão ameaçados diante de seus concidadãos. Como brasileira criada em uma grande metrópole, empatizo-me com as questões que comprometem a vida em sociedade, tentando entender, sob o ponto de vista dos autores escolhidos, o que a literatura tem a dizer sobre esse problema social que se agrava a cada dia.

Desde a década de 30 até a década de 60, autores de classe média contemporâneos brasileiros fazem uso do espaço urbano para narrar conflitos de classe, em especial, entre opressores e oprimidos, como fez Graciliano Ramos em *Memórias do cárcere* (1953),

denunciando os abusos da “ditadura” Vargas¹⁹. Na década de 70, essa linha temática começa a dar lugar ao naturalismo explícito dos romance-reportagem²⁰ ou à prosa alegórica.

O estilo romance-reportagem foi desenvolvido para narrar indiretamente a realidade social em plena ditadura militar²¹, assim elidindo a censura imposta pelo regime à expressão artística. Desta forma, o romance-reportagem brasileiro narra as agruras sociais sofridas pela população usando como mote crimes hediondos que faziam manchetes nos jornais. Como exemplo de “romance-reportagem” citamos *A menina que comeu céσιο* (1987) de Fernando Pinto. Esse romance surgiu após as notícias de jornal sobre o “caso céσιο-137” em Goiânia, quando dois sucateiros, em busca de objetos para serem vendidos no fero-velho²², foram contaminados pelo céσιο. Já o romance-reportagem *Avestruz, águia e... cocaína* (1987) de Valério Meinel romancizou o caso da prisão de quatorze grandes banqueiros do jogo-do-bicho²³ no Rio de Janeiro.

Além do romance-reportagem, destaca-se a obra de Rubem Fonseca, ele próprio vítima da censura, tendo seu livro de contos *Feliz Ano Novo* (1975) proibido de circular. Nessa obra, Fonseca narra o espaço urbano e as relações sociais impregnados de violência social e de extrema pobreza. Fonseca descreve o cotidiano das grandes cidades e as consequências humanas da violência para a vida dos cidadãos.

Nos anos 80, com o retorno da democracia ao país, a literatura brasileira também se modifica. Surgem narrativas sobre a *urbe* na “era dos extremos” (Bosi 2002). Neste

¹⁹ Fase de autoritarismo político e forte controle e vigilância sobre a sociedade.

²⁰ Um gênero híbrido nascido do entrecruzamento do gênero literário, a narrativa romanesca e do não literário, a reportagem (Cosson 2001).

²¹ Período político na história brasileira marcado pela censura, em especial a jornalística, e abusos contra os direitos civis. Teve início com o golpe militar de 1964 que tira João Goulart do governo e termina em 1984 com a eleição indireta de Tancredo Neves.

²² Local de compra e venda de objetos metálicos para reciclagem.

²³ Jogo com fins lucrativos proibido no Brasil desde 1946.

momento começam a aparecer na cena literária brasileira questionamentos sobre os efeitos do caos social que se instalou no mundo desde o início da primeira guerra mundial até o surgimento do Terceiro Mundo na década de 80 (Bosi 2002, 248). Essa “literatura de apelo” (Bosi 2002), narra “a instabilidade urbana [que] determina nosso cotidiano: o presente turbulento por onde campeia a violência circunscreve a cidade enquanto morada incerta e inevitável” (Gomes 2000). Surge desse momento, o romance *Hotel Atlântico* (1988)²⁴ do escritor João Gilberto Noll.

Já nos anos 90, a cidade passa a ser metaforizada para representar o Brasil (Gomes 2000), como em *Onde andaré Dulce Veiga?*(1990) de Caio Fernando de Abreu, *Estorvo* (1991) de Chico Buarque de Holanda²⁵ e *Um Taxi para Viena d’Áustria* (1991) de Antônio Torres²⁶. Até o final do século XX, a cidade continua a ser tematizada na literatura brasileira contemporânea que trata dos impasses aos quais sobrevivem os habitantes do cada vez mais caótico espaço urbano nacional. Nesse momento surgem as antologias de contos da chamada “Geração 90”, *Manuscritos de Computador* (2001) e *Os Transgressores* (2003) ambas organizadas pelo escritor Nelson de Oliveira²⁷, nas quais se destacam dois dos autores de cujos trabalhos esta tese se vale, Marcelino Freire e Luiz Ruffato. A temática dessa geração é predominantemente a cidade e a violência urbana. Na estrutura formal se ligam pela fragmentação linguística que reflete a também

²⁴ *Hotel Atlântico* retrata a vida dos habitantes dos centros urbanos vivendo em meio à violência das ruas e da desigualdade social que gera a angústia e os medos desses personagens.

²⁵ *Estorvo* e *Onde andaré Dulce Veiga* narram personagens exilados na vida urbana, espaço representado como uma sociedade sem projetos e desagregadora (Gomes 2000).

²⁶ Torres narra sobre um migrante do nordeste que vem a São Paulo e posteriormente ao Rio de Janeiro atrás de seus sonhos de prosperidade e que enfrenta situações limite diante da precária situação do espaço urbano (Gomes 2000).

²⁷ Escritor brasileiro autor de *Naquela época tínhamos um gato* (1998), *Treze* (1999), *Subsolo infinito* (2000), *O filho do crucificado* (2001) e *A maldição do macho* (2002), entre outros textos.

fragmentada sociedade, fenômeno que exacerba a sociabilidade cada vez mais individualista e, portanto, em crise.

As obras analisadas na presente tese, se aproximam das obras das últimas décadas do século XX porque continuam a temática do caos e violência urbana bem como suas consequências para o quadro social nacional. No entanto, as obras de Freire, Maia e Ruffato se diferenciam das obras supracitadas pelo tratamento diferenciado dado à linguagem (que carrega em si significados múltiplos, como veremos), e no “refazer” de estilos literários já conhecidos. A esse fenômeno, Bosi (2002) nomeia “literatura hipermediadora”, ou seja, “de pastiche e paródia, glosa e colagem, em suma, refacção programada de estilos pretéritos ou ainda persistentes” (252). Ana Paula Maia, por exemplo, escreve romances de cunho neo-naturalista. A autora, em entrevista concedida em Janeiro de 2011, diz crer que o meio influencia o homem, ou melhor, que o trabalho influencia o caráter do homem²⁸. Seu romance é, assim, hiperbolicamente naturalista transformando-se em quase uma paródia do romance naturalista do século XIX. A hipérbole também reflete a aceleração do tempo e do *modus vivendi* do habitante urbano contemporâneo. No seu uso de cenas abjetas e vocabulário grotesco, a obra de Maia também dá continuidade ao projeto literário fonsequiano²⁹. Maia exacerba o grotesco e o humor negro a tal ponto que não nos permite identificar-nos com seus personagens, personagens estes que beiram os territórios do animalesco, do bizarro e do nojo.

Marcelino Freire nos apresenta contos que bem poderiam ser, como o próprio autor denomina, “cantos”, uma vez que sua escrita é ritmada, fazendo lembrar os cordéis

²⁸ Uma das características do naturalismo na literatura é a concepção de que o homem é influenciado pelas suas características hereditárias, bem como pelo meio social em que vive.

²⁹ No seu uso de cenas abjeta e vocabulário grotesco.

de seus conterrâneos pernambucanos. O efeito do ritmo nos contos de Freire permite que o autor, que escreve de forma fragmentada, realce a oralidade da sua escrita.

Apesar de produzir “escrita-denúncia”³⁰, que o aproxima do estilo do romance-reportagem, Luiz Ruffato alcança originalidade com suas radicais experimentações com a estrutura formal³¹ de seus textos literários. Como Freire, Ruffato usa a fragmentação linguística e narratológica para transmitir o cotidiano fraturado das *urbes* brasileiras. Nas palavras de Harrison, “[u]nlike other contemporary writers who might represent a present-day reality through straightforward narratological constructs, Ruffato insists on a creative path that juxtaposes true-life representations of urban reality with striking literary experimentation” (2005,155).

Embora guardem semelhanças com estilos literários já conhecidos, as coletâneas *Angu de sangue* (2000) e *Contos negreiros* (2005) de Marcelino Freire, o romance *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009) de Ana Paula Maia e *Eles eram muitos cavalos* (2001) de Luiz Ruffato narram com originalidade a representação entrelaçada da violência social e a negação da cidadania. A presente tese investiga como essas obras descrevem e criticam diferenças socioeconômicas e propõem – no âmbito ficcional – modos de atrair a atenção do leitor para a questão da agência social através da expressão escrita. Ou seja, a tese indaga se a esfera pública material é, até certo ponto, substituída, ou pelo menos complementada, por uma esfera pública literária.

³⁰ Regina Dalcastagnè aponta Ruffato como o mais preocupados de sua geração em ecoar a realidade de seu país (citado em Harrison 2005, 151).

³¹ A exemplo de diferenciações tipográficas como o uso intermitente de várias fontes, ou interrupções narrativas com o uso de palavras em itálico, negritadas dando sinal de trânsito nas vozes narrativas. Ruffato também emprega palavras e pontuação inventivas, geralmente delineando textos em parênteses ou mesmo parênteses invertidos, sugerindo falta de comunicação ou disjunção, dentre outras técnicas formais. (Harrison 2005, 156)

As três obras constroem um cenário urbano distópico, marcado pela violência nos âmbitos público e privado. Tomando este contexto e os recentes desenvolvimentos sociais e políticos que influenciaram a sociedade (e, portanto, a produção cultural) brasileira, analiso qual é a ideologia e os objetivos discursivos na representação interconectada de violência, espaço urbano e (falta de) cidadania nas obras de Freire, Maia e Ruffato. Em particular, a tese examina como a cidade é um elemento integral no processo de empoderamento e desempoderamento social, indagando como a violência e as subsequentes tensões sociais associadas com esta modificam a cultura e a paisagem social e cultural da metrópole.

Meu estudo sobre as obras literárias de Freire, Maia e Ruffato dialoga com os trabalhos críticos da antropóloga Teresa P.R. Caldeira em relação à cidade, do cientista político James Holston no que toca a questão da cidadania disjuntiva, conforme citado anteriormente.

Na mesma vertente de Caldeira e Holston, na tentativa de explicar, analisar e estudar os fenômenos que permeiam as mudanças na paisagem urbana e no comportamento social dos sujeitos contemporâneos, uso o conceito “capitalismo tardio” de Fredric Jameson (1991) que, segundo Jameson, marca a nova ordem econômica pautada na produção (cultural e econômica) que causa mudanças no comportamento social e que exige dos indivíduos um comportamento cada vez mais consumista. Assim, passa-se a buscar satisfação pessoal imediata no ato de consumir, tornando o homem contemporâneo em um ser individualista que acaba alienando-se socialmente. Consumir, tornou-se nessa nova ordem, um ato de extrema importância na vida da sociedade contemporânea. Conectando a idéia do “capitalismo tardio” com a construção e ou

indagação de “cidadania”, também tomo em conta a teoria do cidadão como consumidor do antropólogo Néstor García-Canclini, que, em conjunto com o conceito de capitalismo tardio, evidencia a relação do indivíduo com consumo na sociedade atual, que opera sob a égide do capitalismo tardio e as modificações que a mesma evoca nas relações interpessoais³².

Adicionalmente, uso o termo “homo sacer” encontrado no livro *Homo Sacer: Sovereign Power and Bare Life* (1998) do filósofo italiano Giorgio Agamben. Agamben define “homo sacer” como um ser carente de direitos políticos e civis e que, no entanto, é sujeito à força coerciva do poder oficial, ou seja, suas leis e mecanismos de controle. O “homo sacer” de Agamben está, desta forma, relacionado ao “subalterno” de Spivak no sentido de que ambos os conceitos definem seres à margem da esfera pública.

Por fim, tomo em consideração as idéias expostas nos livros *Wasted Lives-Modernity and its Outcasts* (2004) e *Consuming Life* (2007), ambos de Zygmunt Bauman, utilizando as discussões do autor sobre consumo, exercício da cidadania, pertencimento ou desagregação na sociedade de consumo. De acordo com o autor, assim com Canclini, a sociedade atual exige que, para fazer-se cidadão, haja capacidade de consumir, pois somos hoje uma sociedade de consumidores.

Os conceitos sociais, culturais e filosóficos acima delineados explicam o contexto urbano no qual os autores inserem seus personagens para iluminar a natureza da atual configuração urbana brasileira e a cidade como uma entidade que tem o poder de empoderar socialmente ou excluir sujeitos da esfera do poder.

³² Relações interpessoais, no contexto desta tese, são todos os contatos entre pessoas. Estes contatos podem obter resultados diversos de acordo com as circunstâncias, tais como, sujeitos em contato, local de contato, cultura ou meio (familiar, educacional, social, profissional). Os resultados dessas relações podem ser harmônicos e constituir-se em progresso para ambas as partes ou podem culminar em agressões e desentendimentos.

A disjunção da cidadania brasileira se deve à sua inserção em um sistema democrático que, pelo menos em teoria, garante os direitos de seus cidadãos. No entanto, no Brasil, uma parcela significativa da população fica às margens do sistema socioeconômico e civil, perecendo da desigualdade gerada por este posicionamento. Para tomarem posse da agência social que lhes é negada, sujeitos “subalternos”, ou seja, aqueles excluídos dos direitos da plena cidadania, principalmente na esfera civil e social, muitas vezes insurgem-se, ou seja, rebelam-se de maneira a reafirmar que no espaço público, não há (ou não deve haver) categorias de cidadãos com mais ou menos direitos sociais. Os insurgentes encontram formas de garantir que haja igualdade de tratamento independente do *status* social. A insurgência pode manifestar-se de várias formas, tanto legais, como transgressivas. Esta tese se focará nestas últimas expressões.

Muitos (embora nem todos) dos sujeitos “insurgentes” que se examinará ao longo dessa tese praticam delitos mais ou menos graves como roubar e seqüestrar para obter pelo menos um pouco de agência. Não obstante, o poder da agressão, da contravenção, muitas vezes revela-se como um simulacro de agência. A violência torna-se, por assim dizer, uma forma de agência perversa que gera formas abjetas de inclusão na sociedade de consumo. Estas paradoxalmente, podem ampliar a exclusão no mesmo momento em que criam “brechas” de inserção social. No entanto, nem todos os subalternos têm caráter insurgente - alguns são resignados e se adequam ao sistema social, performando de acordo com o injusto padrão de trabalho, rendimento e moradia oferecido pelo Estado.

Através de atos “insurgentes”, instala-se no espaço urbano o caos gerado pela violência, que culmina na fragmentação da esfera pública e conseqüentemente nas “cidades privatizadas”. Exemplos da divisão do território metropolitano seriam os prédios

murados dos condomínios ou *shopping centers* por onde transitam as classes média e alta e dos quais os segmentos menos favorecidos são muitas vezes literalmente barrados. Quando os “subalternos” e as classes média e alta se encontram nos ambientes públicos metropolitanos como o centro da cidade, o trânsito e as vias públicas, esses encontros são marcados por verdadeiros “desencontros” que revelam a anomia social³³.

Pretendo discutir na arena do fazer literário, a representação na ficção de Freire, Maia e Ruffato, da repercussão na vida da metrópole a partir das intrincadas relações sociais, civis e políticas na fragmentada esfera pública nacional. Tais questões são, a meu ver, alguns dos temas mais importantes da vertente urbana da produção literária brasileira contemporânea. Dentro dessa perspectiva, os questionamentos que pretendo discutir ao longo da tese são: Como a literatura urbana contemporânea de Freire, Maia e Ruffato retratam o espaço urbano? Como representam a convivência entre as classes sociais média e alta e os subalternos? Essa literatura é meramente um retrato, um olhar sobre a realidade social brasileira ou ela analisa cada um dos problemas com um objetivo maior? Qual seria assim, o projeto literário desses autores? A cidade representada nas obras constitui ainda um espaço habitável? Que sentido a literatura urbana contemporânea atribui à vida urbana? Como são representados os seres que habitam o espaço urbano? O que essa representação nos diz sobre a sociabilidade nos moldes contemporâneos? De acordo com essa literatura, de acordo com o discurso dominante, há seres mais ou menos humanos que os outros e que portanto mereçam acesso à cidadania? Se sim, o que diferencia os cidadãos? As questões de raça, gênero sexual e classe são determinantes para essa definição? Segundo as representações literárias, o que impede o convívio e

³³ Termo cunhado por Durkheim significando um estado de ausência de normas e comportamento social adequado.

promove a exclusão social de certos indivíduos? A violência gera mudança no comportamento social ou o comportamento social gera violência no espaço urbano de acordo com as representações literárias? Ou seja, as obras propõem alguma mudança para o caos urbano que narram? Se sim, de que maneira se comprometem com essa finalidade?

Como ponto de partida, creio ser necessário estabelecer o que conecta as obras dos escritores cujas obras serão discutidas nesta tese principalmente com relação à temática abordada, para ajudar a entender a ficção produzida nas últimas décadas. A crítica literária Beatriz Resende (2010) identifica na manifestação literária brasileira contemporânea três movimentos por vezes interrelacionados. Em meio à multiplicidade, fertilidade e “democracia” na escolha das obras publicadas (haja vista as várias publicações de coletâneas com narrativas de características muito diversas), esta identifica a *presentificação*, a *tragicidade* e a *violência*.

A multiplicidade aparece na descentralização (ou pelo menos na não exclusividade) do local de produção no eixo Rio- São Paulo (como por exemplo nos contos de Marcelino Freire que se passam também em centros urbanos de Pernambuco); na multiplicação de pequenas editoras por todo o país; na possibilidade de utilização da internet como meio de tornar público os textos literários (recurso do qual a escritora Ana Paula Maia se utilizou antes da publicação editorial de seu *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*) e na necessidade de inclusão, por diversas formas, de todas as camadas da população no processo de criação e difusão da cultura.

Embora haja diversidade, há uma certa unanimidade entre as escritas contemporâneas no que se refere às preocupações de que se ocupam essas produções. A

primeira delas, segundo Resende, é a *presentificação*, comum às obras das últimas décadas. Nas palavras da autora, a presentificação consiste em “manifestação explícita, sob formas diversas de um presente dominante no momento de descrença nas utopias que remetiam ao futuro [...]. Há na maioria dos textos, a manifestação de uma urgência, de uma presentificação radical, preocupação obsessiva com o presente...” (26). Exemplo dessa urgência, que se reflete também no aspecto formal da prosa contemporânea, são os contos curtos publicados na coletânea *Os cem menores contos brasileiros do século* (2004), organizada pelo escritor Marcelino Freire. Também pode-se observar esta presentificação no marco temporal de *Eles eram muitos cavalos*. A ação narrativa do texto ocupa um dia apenas, mas é um dia que se estende ao longo de 158 páginas. O “romance” de Ruffato, assim, tanto compressa como distende o tempo narrativo. Mas tudo ocorre em um eterno presente.

Tanto Freire como Ruffato deixam, assim, transparecer em suas obras essa preocupação intensa com o presente ao narrarem sobre o “aqui e agora” de uma sociedade que não pode mais esperar tanto tempo por uma atitude comunitária, que venha modificar a distopia da presente configuração social e das relações sociais nos grandes centros urbanos.

Além da obsessão pelo presente e pelo urgente (Resende 2008; Schøllhammer 2009), o trágico é a segunda constante na literatura contemporânea. Segundo Resende (2008), “[O] trágico retorna à cidade na anomia angustiante, nas relações pessoais e na vida pública” (30). Resende usa como exemplo a narrativa em prosa de Luiz Ruffato, que “percebe a cidade fragmentada, desconexa, incongruente, quase irreal...” (30). Nesse

cenário, o futuro torna-se quase impossível para dar espaço à inevitabilidade da tragédia na vida urbana, em que se multiplica a violência.

A violência urbana é ao mesmo tempo a causa e a consequência das modificações estratégicas que ocorrem nas metrópoles e que alteram sua estrutura física e social, afetando negativamente as relações entre os cidadãos, agora definidas pelo preconceito contra pessoas de classes sociais baixas geradas pelo medo. Tais problemas estão representados nas obras analisadas nesta tese.

A violência é justamente o terceiro dos elementos que se identifica na literatura contemporânea. A violência nas grandes cidades aparece como o tema predominante nas produções recentes (Resende 2010, 32). São essas duas últimas questões - a *tragicidade* e a *violência* - apresentadas como temáticas centrais nas obras literárias contemporâneas (mais especificamente nas da última década) que esta tese enfoca.

No capítulo I, “As fontes da discriminação e do medo- relações entre classes na esfera pública brasileira representadas nos contos de Marcelino Freire”, frente à exclusão social e conseqüente negação à plena cidadania, procura-se responder a como se comportam os personagens dos contos analisados nesse capítulo, bem como e o que determinados comportamentos, muitas vezes insurgentes, revelam sobre a vida em sociedade nos grandes centros urbanos brasileiros. No capítulo II, “Sobre porcos, cães e homens: violência e negação de cidadania em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* de Ana Paula Maia”, analiso a representação da cidadania (ou a ausência dos direitos e deveres que a compõem) e como os personagens manifestam a busca pela mesma através de um comportamento que beira o não-humano. O capítulo indaga, assim, se, em determinadas condições sociais e individuais, ainda se pode falar em cidadania, ou

se o contrato social se anula sob estes determinantes. Analiso ainda a busca dos personagens por empoderamento social, por mais espúrio que seja. No capítulo III, “Escombros da ‘terra da garoa’”, investigo, na obra *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato, a representação dos sujeitos que compõem o romance, que fazem parte de uma massa anômica, e as relações que se dão entre os mesmos. De forma abrangente, procuro discutir o que a obra nos revela sobre a configuração urbana do presente através desse romance que narra sobre um dia na cidade de São Paulo, microcosmo de um Brasil ao mesmo tempo moderno e arcaico.

Os capítulos estão apresentados na tese não pela ordem cronológica de publicação das obras analisadas. A escolha dessa sequência objetiva analisar no primeiro capítulo, as obras de Freire pois esta oferece um panorama geral do espaço urbano e das relações interpessoais que aqui se dão. Freire desvela através da ficção a voz silenciada dos subalternos e questiona o discurso dominante através do posicionamento privilegiado que oferece aos seus personagens sem agência social. O segundo capítulo, sobre a obra de Maia, analisa o nível extremo que as incivildades no trato social podem atingir, levando a comportamentos animais. Por fim, no último capítulo, a obra de Ruffato, que tem a cidade como uma “mega-personagem”, mostra a exacerbação de tudo o que foi discutido anteriormente nos capítulos anteriores, ou seja, mostra o desmoronar físico da cidade e as consequências sociais da injustiça. Esse último autor, Ruffato, faz de maneira explícita, o que Freire e Maia fazem mais veladamente, um apelo à contestação a um sistema social que perpetua exclusão e desigualdade.

Em suma, esse projeto pretende continuar o debate iniciado pelos autores, problematizar a discussão sobre as consequências da qualidade sociopolítica e econômica

do Brasil sobre a sociedade e a produção cultural do país. Em particular, a tese reflete sobre as consequências deste quadro sobre a vida dos cidadãos brasileiros representadas nas obras aqui analisadas, ou seja, personagens que estão literalmente e metafóricamente às margens. A intenção é averiguar as mudanças ocasionadas nas relações sociais em meio à presença constante da violência (no âmbito cultural e simbólico) que resulta no não reconhecimento de uma parcela significativa da população como cidadãos plenos de direitos sociais, civis e individuais e suas consequências para a vida em sociedade. Num âmbito mais abrangente, essa tese propõe reflexão sobre o tema da vida urbana que nos é proposto pela literatura de Freire, Maia e Ruffato.

Capítulo I- As fontes da discriminação e do medo- relações entre classes na esfera pública brasileira representadas nos contos de Marcelino Freire

Como foi anteriormente discutido na introdução da presente tese, a partir de 1940, quando do início do processo urbanizador de grandes cidades brasileiras, metrópoles ligadas à indústria receberam um grande fluxo migratório de pessoas vindas de outras regiões do país em busca de oportunidade de ascensão socioeconômica. No entanto esse momento de crescimento foi marcado por uma combinação de desenvolvimento e desigualdade, pois aumentou o número de “subalternos”, ou seja, pessoas desfavorecidas socioeconomicamente que muitas vezes são desempregados e não possuem moradia. Do ponto de vista das classes sociais privilegiadas, esses seres à deriva social “contaminam” o espaço público e são percebidos como os causadores da violência que é o motivo que leva à fragmentação social e geográfica do esfera pública.

A fragmentação do espaço urbano se caracteriza pela criação de “cidades privadas” (Caldeira 2000), onde as classes média e alta estão reclusas, protegidas por modernos aparatos de segurança privada. Do outro lado, estão os subalternos, pessoas que sob o ponto de vista das classes superiores, são perigosas e associadas ao crime.

Este capítulo discute a representação do problema exposto acima e utiliza como seus principais aparatos teóricos o estudo sobre fragmentação urbana da socióloga Teresa P.R. Caldeira (2000), o conceitos de “cidadania disjuntiva” de James Holston (2008) e de “homo sacer” de Giorgio Agamben (1998). Caldeira cita que a fragmentação urbana se deve, dentre outros fatores, à violência urbana que cresce e segrega a metrópole, transformando-a em um espaço homogêneo, onde diversas classes sociais não se

“misturam”. Em meio à essa já problemática condição fragmentada da metrópole, Holston descreve a democracia brasileira como “disjuntiva”, marcada pela violação de direitos civis e sociais, violência e injustiça contra os subalternos, termo este que está relacionado ao “homo sacer” de Agamben, que descreve seres carentes de direitos sociais e civis, mas sujeitos à força e ao controle das leis. Os personagens dos contos de Marcelino Freire analisados neste capítulo, podem ser descritos utilizando os termos acima.

O cenário nacional representado por Freire também está de acordo com a fragmentação urbana e democracia disjuntiva do estudo de Caldeira e Holston respectivamente. Uma vez que o espaço urbano fragmentou-se, as classes sociais distintas se evitam e os quatro contos representam literariamente os malfadados e violentos encontros das classes média e alta e os subalternos no espaço público. A violência advinda desses encontros pode ser ocasionada por fatores sociais, culturais, econômicos e políticos de uma sociedade.

O presente capítulo examina a representação da violência e segregação urbana causada por questões socioeconômicas e simbólicas³⁴ nos contos “Angu de Sangue” e “J.C.J.” da coletânea *Angu de Sangue* e “Solar dos Príncipes” e “Esquece” de *Contos Negreiros* na ficção de Marcelino Freire³⁵. Os quatro contos têm em comum cenas ambientadas nas ruas de cidades brasileiras, onde o diálogo dá lugar à violência, à segregação e ao estranhamento social. Verifica-se então, que a forma de violência

³⁴ Violência simbólica são os diversos modos de dominação social e cultural.

³⁵ Jornalista e escritor brasileiro, autor, dentre outros, da quadrilogia *Angu de Sangue* (2000), *Balé Ralé* (2003), *Contos Negreiros* (2005) e *Rasif, mar que arrebenta* (2008). Em sua quadrilogia, Freire representa ficcionalmente centros urbanos marcados pela violência e fragmentação nas relações sociais devido à preconceitos sociais, raciais e de gênero.

representada nas obras analisadas a seguir é a da quebra de sociabilidade³⁶, da anomia social e da intolerância das classes média e alta para com pessoas de classes sociais menos privilegiadas.

A análise dos quatro contos que compõem este capítulo será feita em busca de respostas para as seguintes perguntas: frente a exclusão social e conseqüente negação a plena cidadania³⁷, como se comportam os personagens dos contos analisados? O que esse comportamento revela sobre a vida em sociedade nos grandes centros urbanos brasileiros?

Como ponto de partida, façamos uma análise sobre as mudanças ocorridas no espaço público desde tempos mais remotos e qual é a configuração atual da *urbe*. Originalmente, o modelo da cidade era o da “*polis grega*”, lugar de encontro e vida em comum, que agora se assemelha mais à “Babel”, símbolo da desarmonia e da confusão (Dalcastagnè 34). O que justifica a tragédia³⁸ que assola o espaço urbano de megalópolis brasileiras como, por exemplo, São Paulo, na contemporaneidade? Dalcastagnè lança luz sobre a questão ao oferecer, como maneiras de tentar entender a configuração social

³⁶ “Quebra da sociabilidade” entendida nesse contexto como o descompromisso dos cidadãos para com as regras básicas de convívio social.

³⁷ De acordo com D’Urso (2005) a cidadania é entendida como o conjunto de liberdades e obrigações políticas, sociais e econômicas. Ser cidadão implica em exercer seu direito à vida, à liberdade, ao trabalho, à moradia, à educação, à saúde, à cobrança de ética por parte dos governantes.

³⁸ Tragédia é, no sentido clássico, uma forma de arte baseada no sofrimento humano. Pode envolver também um conflito entre um personagem e algum poder superior como a lei ou a sociedade. Os personagens trágicos que, no teatro, são preconizados como heróis, enfrentam situações que culminam em fatalidade como a morte, destruição física, moral e econômica com a finalidade de ensinar uma lição de vida ou servir como modelo de superação. Nos contos analisados, os personagens não têm um caráter heróico no sentido analisado acima e suas mortes são percebidas por nós, leitores, como mundanas e insignificantes. Apesar de ser um conceito que se aplica às artes dramáticas, a definição de tragédia utilizada nessa tese é a que tem como sinônimo o desastre e a derrocada do projeto de urbanização das megalópoles brasileiras. Tragédia, pode, assim, ser aplicada ao contexto desse capítulo, pois o mesmo analisa contos cujo desfecho é invariavelmente a fatalidade e tragicidade na vida dos personagens.

nacional da atualidade, fenômenos sociais como a “urbanização”³⁹ (35). A esse elemento, acrescentaria o caráter “disjuntivo”⁴⁰ (Caldeira 2000; Holston 2008) da democracia brasileira (devido à persistente desigualdade social) e o mais recente percurso sociopolítico e econômico do país como os maiores responsáveis pela alarmante disparidade entre classes no Brasil, percebida com o crescimento das indústrias brasileiras.

O exponencial crescimento das indústrias brasileiras desde a década de 40 foi um dos fatores responsáveis pela crescente urbanização dos grandes centros urbanos como São Paulo. Apesar do crescimento a pobreza continuou a se proliferar restringindo uma parcela significativa da população à margem social. O cenário de pobreza e desigualdade entre classes sociais vem sendo tratado na ficção brasileira desde a década de 70 como, por exemplo, na obra de Rubem Fonseca⁴¹. Na ficção fonsequiana, fica evidente o enorme disparate socioeconômico na sociedade brasileira e a violência que esta separação gera.

Além do “gap” econômico que distingue as classes sociais, outros padrões de diferenciação são empregados para separá-las e esse não é um fenômeno recente. Caldeira explica que ao final do século XIX até 1940 as pessoas habitavam o mesmo espaço urbano e eram segregadas pelo seu tipo de moradia. Em um segundo momento,

³⁹ Grandes cidades como São Paulo foram marcadas pela crescente urbanização advinda da chegada de pessoas de outras cidades do Brasil e pelo exodo rural, volume de pessoas saídas das regiões rurais para dentro da cidade.

⁴⁰ “Disjunctive democracies” são aquelas que, como no Brasil, apesar de serem democracias políticas onde os direitos sociais são razoavelmente legitimados, o componente civil da cidadania (que refere-se aos direitos necessários para a liberdade individual, para a asserção da igualdade perante a lei e aos direitos civis em geral) é continuamente violado (Caldeira 2000, 339).

⁴¹ Dentre suas obras de destaque a tartar sobre o tema da violência gerada pela desigualdade social brasileira encontra-se *Feliz Ano Novo* (1975). O livro foi tirado de circulação pela censura military por conter cenas que faziam “apologia à violência”, mas que na verdade, deflagrava, em linguagem contundente, um país de enormes contrastes. De um lado a pobreza extrema dos subalternos, de outro a abastada classe burguesa brasileira e seus privilégios.

entre 1940 e 1980 fazia-se a distinção centro-periferia, estando as classes mais altas concentradas na área central e os pobres exilados em áreas mais remotas. Em um terceiro momento, a distinção que prevalece desde 1980 até o momento se dá pela construção de muros e as diversas tecnologias de segurança que os separam. A tendência é que as diferentes classes não circulem em, nem dividam espaços comuns. Assim, as classes média e alta passam a viver e a interagir com os seus semelhantes nas “fortified enclaves”⁴², temendo a violência.

Como consequência da fragmentação social e espacial da *urbe*, hoje em dia, dentro das grandes cidades, existem ambientes residenciais distintos. Os primeiros são os condomínios e os prédios murados, altamente protegidos ou os espaços da classe média baixa que apesar de muitas vezes ainda residirem em casas fora de condomínios residenciais, optam pelos mesmos sistemas de segurança das classes mais altas, como as grades, portões eletrônicos e as cercas elétricas. Tudo visando proteção. Os enclaves são espaços conveniente àqueles que temem a heterogeneidade social dos bairros antigos. As classes média e alta abandonaram esses bairros, deixando-os livres para os “marginais” e “vagabundos” (Caldeira 2000). A criação desses espaços de separação deixam transparecer a discriminação das classes média e alta que ao mesmo tempo em que se distanciam da vulnerabilidade dos espaços públicos, buscam *status* social, querendo distinguir-se completamente dos subalternos, com quem não querem compartilhar nenhum traço identitário. O segundo é a zona das favelas, periferias e bairros mais pobres onde residem trabalhadores de renda mínima. Em meio a esse espaço fragmentado, encontra-se um “entrelugar” que é comum tanto à elite quanto à periferia. É

⁴² “Fortified enclaves”, segundo Caldeira (2000) são espaços privados, fechados e monitorados destinados à residência, consumo, lazer e trabalho.

nesse *locus*, no ambiente público das cidades⁴³, que se travam os encontros violentos entre os subalternos⁴⁴ e os cidadãos de maior prestígio social.

Tendemos a pensar a violência urbana normalmente num sentido único, como aquela praticada pelos que nada têm contra os mais abastados (Dalcastagnè 2003, 46). Marcelino Freire, por sua vez, desafiando o discurso hegemônico que perpetua a noção da violência como uma via de mão única, mostra em seus contos os diversos tipos de violência — material/física e simbólico/culturais — sofridas pelas classes média e alta e dessas contra os subalternos. É de embates ora corporais, ora simbólicos, que tratam os contos de Freire. O autor narra sobre lugares onde sujeitos subalternos se deparam com delimitações originárias da sua condição socioeconômica. O limite que lhes é imposto são barreiras que restringem sua agência social dentro dos espaços urbanos. Tais barreiras podem ser físicas, como os condomínios residenciais ou até mesmo os carros blindados pelos quais as classes média e alta substituíram os ônibus e metrô, símbolos de “pobreza” e “perigo”, situação representada no primeiro conto analisado neste capítulo.

“Solar dos Príncipes” conta sobre um projeto frustrado de alguns moradores da favela em fazer um longa-metragem sobre a vida da classe média. Esses moradores do Morro do Pavão, zona sul do Rio de Janeiro, são barrados no portão do prédio, também da zona sul da mesma cidade, escolhido para a filmagem. O porteiro, ao vê-los, imagina que são assaltantes. A história acaba em confusão seguida da chegada da polícia. A

⁴³ Locais como as praças públicas, as calçadas e mais especificamente em três dos contos analisados, o trânsito.

⁴⁴ Termo cunhado pela crítica e teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak em seu ensaio *Can the subaltern speak?* (1998). Subalternos, periféricos, minoritários ou marginais foram termos escolhidos para classificar parte dos personagens das histórias aqui analisadas, por serem aqueles que não pertencem ao centro da sociedade e que são ignorados pelo sistema social, contraposto às classes média e alta.

narrativa deixa transparecer a separação das classes desde o título. Os “príncipes” que habitam o solar contrapõem-se aos “plebeus” que vêm importuná-los em seus “castelos” fortificados. No conto observa-se a situação colocada sob uma ótica invertida. Em tom irônico, Freire faz desse conto uma paródia. Não raro vemos filmes e documentários sobre favelas e periferias do Brasil editadas sob o ponto de vista da classe média⁴⁵. O narrador reclama, “o pessoal vive subindo o morro para fazer filme” (24) e a classe média e alta ainda lucra ricos prêmios em festivais internacionais, explorando a pobreza alheia. Mas nesse conto, quem desce o morro e quer ver de perto como é a vida da burguesia da cidade, quem quer ver como é ganhar prêmio em “Festival de Brasília. Festival de Gramado” (25) são os subalternos que, claro, são barrados e hostilizados. Aqui, percebemos que estes só são, de fato, percebidos pelo sistema social e pelas classes superiores, se for para lucrarem com suas histórias de sofrimento e miséria exibidas nos seus documentários ou quando “invadem” os espaços restritos às elites.

No conto, a ironia se dá na inversão da câmera que quer focar a rotina da classe média e alta em um documentário. E ao expô-los como “seres” trancafiados em suas grades, que são os prédios altamente protegidos, o narrador exotifica a vida da burguesia da mesma forma que os documentários sobre a vida nas favelas também exotificam os moradores do morro. O narrador afirma que: “A gente não só ouve samba. Não só ouve bala” (25). Do ponto de vista do narrador, os documentários fazem das favelas um lugar, literalmente, “para inglês ver”, haja vista a nova moda do “favela tour” para turistas estrangeiros. Nesse sentido, quanto mais exóticas forem as representações da favela, maior é a atenção que chama dos “gringos”. E geram maior lucro para a indústria do

⁴⁵ A exemplo, o documentário *Notícias de uma Guerra Particular* (1999) produzido por João Moreira Sales e Kátia Lund.

cinema e do turismo. Os “favelados” são usados pelo sistema social como mercadoria, sendo essa a única relação existente entre eles e as classes média e alta; uma relação pautada no lucro de uns em detrimento de outros.

Quando o “morro” desce para fazer seu documentário, são barrados pelo porteiro. “Não quer deixar a gente estrear a porra do porteiro. É foda. Domingo, hoje é domingo. A gente só quer saber como a família almoça” (25). Ao passo que a classe média não dá acesso a sujeitos que não fazem parte de seu ambiente, “[O] morro tá lá, aberto 24 horas. A gente dá as boas vindas de peito aberto. Os malandrões entram, tocam no nosso passado. A gente se abre, que nem passarinho manso... A gente oferece a nossa coca-cola” (25). O morro (ambiente subalterno) é representado no conto como o lugar do compartilhamento, de socialização; mas os enclaves das classes média e alta são segregadoras e excludentes. O morro está aberto aos convidados, mas os prédios com grades e sistemas modernos de segurança em si já veiculam uma mensagem implícita que parece dizer aos sujeitos: “vocês não são bem-vindos, não pertencem a esse espaço, afastem-se”. Essa interpretação pode nos guiar ao questionamento sobre o autor da culpa pela configuração social anômica dos espaços urbanos atuais. Parece-me que o conto nos leva ao entendimento de que as classes média e alta são, senão totalmente, ao menos parcialmente culpadas por tamanha segregação. Ao contrário dos moradores dos espaços subalternos, as classes sociais mais altas fazem questão de se isolarem da convivência com grupos sociais distintos, promovendo a homogeneização dos espaços urbanos. Perde-se, assim, a noção de comunidade como um espaço do qual todas as classes sociais comungam.

“Solar dos Príncipes” também discute outro aspecto da vida em sociedade, as relações raciais, tema que agrava a segregação social no Brasil. Essa questão não é nova e ocorre desde o período escravocrata⁴⁶ no Brasil, mostrando que pouco progresso na luta contra a discriminação racial foi feito desde então. Negros no Brasil permanecem sob o estigma da subalternidade e são percebidos como serviçais para as elites, de maioria branca. No conto, o porteiro, apesar de ser “preto” (25), traço comum dos moradores do morro, representa a classe média. Ao tomar partido dos moradores do prédio, faz um papel parecido como o dos capitães do mato no período da escravidão, dando as costas aos seus semelhantes e defendendo interesses da elite. Isso revela que as relações sociais são partidárias e estabelecidas de acordo com o nível financeiro e de *status* que elas possam gerar.

Ao ver os “quatro negros e uma negra” (23) na frente do prédio, o porteiro logo os identifica como empregados e se indaga: “Por que ainda não consertaram o elevador de serviço?” (23). Essa pergunta mostra a discriminação, não apenas social, mas também racial. Negros, no Brasil, são associados a serviçais inferiorizados e que portanto, não pertencem ao ambiente do prédio, em especial à área social do mesmo. No entanto, Holston (2008) revela que no Brasil os paradigmas de diferenciação de cidadania estão relacionados à discriminação social. Um exemplo dessa discriminação se mantém nas relações entre classes sociais distintas no modelo arquitetônico da área de circulação dos prédios residenciais no Brasil. Os prédios são construídos com base em princípios que garantam separação e mínimas oportunidades de contato informal entre os empregados (subalternos) e seus patrões (classe média e alta). Para assegurar a privacidade classista dos moradores, empregados devem usar somente os elevadores de serviço. Apesar da

⁴⁶ O período escravocrata no Brasil teve duração desde a época colonial até o final do Império (1888).

lei⁴⁷ que desfaz tal exigência, esse padrão ainda se aplica em muitos prédios residenciais brasileiros. O espaço fragmentado é conveniente para aqueles que, por questões culturais, tais como a crença de que se associar de alguma forma com subalternos lhes diminui o *status* social. Assim, não querem sequer vê-los por perto. A tentativa da classe média de esquivar-se dos grupos sociais subalternos, deve-se também ao fato de que esses últimos são percebidos como “poluidores”⁴⁸ (Caldeira 2000). Não são somente “sujos”, mas representam ameaça e perigo; são percebidos como contaminantes, como revela a antropóloga britânica Mary Douglas, “Imundície ou sujeira é o que não se deve ser incluído se um padrão precisa ser mantido” (40). A mistura com o subalterno gera abominação, portanto, necessidade de distanciamento.

Negros são identificados não somente como serviçais, como vimos acima, mas como releva o conto, também como bandidos em potencial. Na sequência da trama, os “quatro negros e uma negra” são vistos pelo porteiro como ladrões que estão ali à espreita dos moradores: “Filmando? Ladrão é assim quando quer sequestrar. Acompanha o dia-a-dia, costumes, a que horas a vítima sai para trabalhar” (23). No Brasil, pessoas da raça negra e de classes sociais mais baixas são mais comumente associados à criminalidade (Caldeira 2000), como observamos acima. A passagem também revela um padrão cultural de discriminação racial que acompanha a sociedade brasileira desde a época da escravidão, quando negros eram percebidos como seres inferiores e portanto, não cidadãos. Esse paradigma ainda se encontra presente na mentalidade brasileira, mas não

⁴⁷ A Legislação Brasileira de 1996 exige que não se faça distinção entre pessoas que podem e que não podem usar os elevadores sociais dos prédios comerciais e residenciais. A legislação exige que sejam colocadas placas proibindo qualquer discriminação nesses espaços (Holston 2008, 278).

⁴⁸ De acordo com Caldeira (2000), sujeitos pobres são mais comumente relacionados ao crime e à marginalidade. Os imigrantes nordestinos pobres em São Paulo, em especial, são caracterizados sob termos depreciativos como ignorantes, preguiçosos, sujos, imorais (36).

se aplica somente à discriminação racial. A questão abrange um nível social. Do ponto de vista da classe burguesa, moradores de morros e favelas, quando se aproximam das áreas onde residem os mais abastados, quase certamente é para realizar algum serviço, como já discutimos, ou para roubar e sequestrar. Isso leva-nos a crer que na sociedade brasileira, o negro não é reconhecido como produtor de arte; a não ser de arte folclórica e popular como, dentre outros tipos, o samba e a capoeira. Assim sendo, eles devem-se manter longe da produção elitizada do cinema.

O medo da violência que a mentalidade discriminatória da classe média articula contra os moradores do morro é tamanho que leva o porteiro a devaneios sobre crime:

“ _ Viemos gravar um longa-metragem.”

“ _ Metra o quê? “

“Metralhadora, cano longo, granada, os negros armados até as gengivas. Não disse? Vou correr” (24).

O estudo de Caldeira (2000) revela que sujeitos perigosos e que infringem as regras sociais, os criminosos, são, no imaginário social, procedentes de espaços marginais; por isso, o medo e a tensão que os quatro amigos espalharam pelo prédio.

Além de questões da discriminação racial e de classe, Freire nos mostra em “Solar dos Príncipes” a enorme disparidade econômica que separa os subalternos e as classes média e alta no Brasil. No conto, faz-se claramente o contraste das condições sociais entre os moradores do prédio e os subalternos. Os moradores do morro querem ver de perto como é a vida, a rotina de quem tem “carros na garagem, saldo, piscina, computador interligado. Dinheiro e sucesso” (25), enquanto os do morro tiveram que montar o esquema “num puta sacrifício. Nicholson deixou de ir vender churro. Caroline

desistiu da boate”(26). Esse trecho mostra, além da desigualdade dos estilos de vida das classes sociais no Brasil, o tipo de trabalho realizado por subalternos que, como sabemos é mal-remunerado. O ambiente de trabalho dos quatro amigos são os ambientes da “ralé”⁴⁹ que se contrapõem aos ambientes sofisticados em que trabalham os moradores do prédio, “O prédio tem gerente de banco, médico, advogado” (23). Está clara a diferença social mas também a discrepância cultural que separa a ralé dos moradores do prédio.

Enquanto as classes alta e média buscam distinguir-se culturalmente da classe “ralé”, esses últimos desejam proximidade dessa cultura, na tentativa de igualar-se à eles e elevar seu *status* social. Percebemos, assim, que os nomes dos subalternos que se aproximam do prédio são nomes que, simbolicamente, demonstram o desejo desses em se identificarem culturalmente como a classe burguesa. O nome Caroline é de origem européia e imita o da outra Caroline, a de Mônaco, símbolo da nobreza e do *glamour*. O nome Nicholson também é nome conhecido no meio artístico hollywoodiano também símbolo de riqueza e *status* social. Não é só pela escolha da atividade, o fazer filme, mas também a escolha dos nomes que denotam que as classes subalternas desejam estreitar laços com as classes burguesas e com elas se identificarem ainda que minimamente, elegendo os mesmos símbolos de *status*. Mas, mesmo tentando se aproximar das classes burguesas através desses símbolos, não dividem a mesma posição social; assim, o porteiro só tem uma missão, a de fazer com que os subalternos saiam dali, levando embora consigo a sua abjeção. O preconceito gerado pelo asco e pelo medo do crime que esses possam vir a cometer, atinge o porteiro e dessa forma, a única alternativa é chamar a polícia.

⁴⁹Termo que caracteriza a camada inferior da sociedade. Mesmo que “plebe”, “escória social”, “gentalha” (Souza 2009).

“E avisou: ‘Vou chamar a polícia’”

“A gente: ‘Chamar a polícia?’”

Não tem quem goste de polícia. A gente não quer esse tipo de notícia” (26).

O porteiro confia no trabalho da polícia que certamente defenderá o prédio e seus moradores, pois os aparatos de segurança pública estão todos à disposição das classes burguesas (Caldeira 200; Holston 2008). Porém, do ponto de vista dos moradores do morro, a polícia não é bem vinda, pois sabem que sofrerão abusos da mesma, por serem subalternos. Segundo Caldeira (2000), membros da classe trabalhadora não confiam nem respeitam a polícia, na maioria das vezes, eles a temem. E com razão. A polícia confunde trabalhadores com criminosos e usa de violência contra os mesmos. Como órgão que também representa a classe média, a polícia discrimina os subalternos. Mais uma vez o estado quebra seu contrato social — proteger a todos os cidadãos — sem aplicar padrões de diferenciação. Vemos no conto que, enquanto o prédio é protegido, os subalternos são atingidos pela “tradicional” violência.

O final de “Solar dos Príncipes” que tem seu desfecho com a correria dos “suspeitos”, termina também com a frustração dos quatro amigos. A única coisa que conseguiram foi perpetuar o estereótipo dos filmes feitos sobre as favelas, que falam sobre samba ou sobre violência. Em “câmera violenta” (26), os amigos só conseguem captar para seu filme a barbárie da ação policial, a desconfiança e a segregação que os subalternos recebem da sociedade. Em meio a tiros, sirene de polícia e o caos gerado no prédio, a partir de um simples pedido para visitarem um apartamento, os quatro acabam filmando o que a “estética da violência”⁵⁰ capta nas favelas. O conto deixa clara a

⁵⁰ Fazendo referência ao manifesto de Glauber Rocha sobre a “Estética da Fome” (1965) ou “Estética da Violência” no Cinema Brasileiro.

impossibilidade de convivência entre os cidadãos de diferentes classes sociais. Não há diálogo, não há troca; apenas o preconceito, denunciando a anomia social, que inviabiliza o principal teor da vida urbana, a sociabilidade.

Como em “Solar dos Príncipes”, os três contos que seguem também revelam a anomia social. No entanto, se passam no violento trânsito das metrópoles brasileiras, local público onde coincidem a maioria dos encontros entre os subalternos e as pessoas de classe social privilegiada. Tais encontros são marcado por situações de assaltos e sequestros- relâmpago que muitas vezes têm um desfecho fatal.

Iniciando esta discussão, o conto “Esquece” se passa no trânsito e expõe a rotina de assaltantes e assaltados na cidade. Narra o acontecido com um homem rico que dirige seu carrão e é portador de um *Rolex*. Há o assaltante que “tosta” ao sol à espera de oportunidade para assaltar alguém. E quando esse pensa que foi bem sucedido no assalto, é abordado pela polícia que vem defender o patrimônio do homem rico. O assaltante é levado para a prisão, lotada, sem ter seus direitos civis garantidos. No conto, narrado em primeira pessoa, observa-se a violência explicada pelo ponto de vista dos subalternos. Em seu projeto literário Freire dá voz aos mesmos. Na primeira parte vemos a violência do motorista que pára o carro em cima do pé de um pedestre: “Violência é o carrão parar em cima do pé da gente” (31). Esse é um indicador da má qualidade das interações humanas em público. A relação entre pedestres e motorista como representada no conto revela o descaso pelo bem estar e pelo espaço alheio.

O motorista, visivelmente um sujeito participante das classes altas, pois usa “gravata” e possui um “rolex dourado” (31), símbolos de *status* e riqueza no Brasil (e objetos de cobiça daqueles que não podem possuí-los, como os subalternos), faz uso do

carro como um “privatized space” (Holston 2008) onde se isola do espaço externo, espaço “poluído e contaminante” (Caldeira 2000) onde se encontram os subalternos. O motorista pouco se importa com o acidente que acabara de causar e com desdém, “olha o tempo perdido no rolex dourado” (31). O isolamento do motorista dentro de sua enclave, o carro de vidro fumê, funciona como um tipo de parede/muro. É o elemento que afasta as classes médias dos subalternos em ambientes que tradicionalmente são públicos⁵¹ propagando a discriminação entre classes.

Além do carrão e do rolex dourado, a posição confortável em que se encontra o motorista, “o cara dentro do ar condicionado” (31) mostra a diferença socioeconômica entre os dois, sendo outro elemento que aguça a inveja do homem e sua vontade de atacá-lo. O homem, agora sabemos, é um assaltante que está “esperando uma melhor oportunidade de [a gente] enfiar o revólver na cara do cara” (31). Aqui, “Esquece” inicia a discussão sobre o acesso à (ou negação) à arena do consumo, pois, percebemos que o desejo do assaltante (sujeito subalterno) de também possuir aqueles objetos de *status* é que motiva o assalto. O discurso propagandístico trabalha em prol de agregar valor a certos objetos (como carros e relógios). E esse discurso impregna os consumidores (bem como os que almejam sê-lo) da necessidade de possuí-los para ascenderem socialmente. Sendo aqueles, símbolos que promovem *status*, aguçam o desejo do subalterno em atingir o *status* do motorista devido à posse do rolex que planeja roubar.

Além de não poder exercer sua cidadania através da prática do consumo, outro tipo de violência denunciada pelo subalterno é devido à discriminação racial. “Violência é ele ficar assustado porque a gente é negro” (31). O fato de o assaltante ser negro, parece ser ainda pior e causa mais pavor no motorista. Culturalmente, no Brasil, pessoas da cor

⁵¹ A exemplo, ruas e calçadas.

negra são percebidas como mais violentas (Caldeira 2000), essa concepção é, em si mesma, uma outra forma de violência cultural a que estão sujeitos os negros.

A violência permeia o conto e o desfecho do assalto praticado pelo narrador gera mais violência; dessa vez da polícia contra ele. O final do conto desvela a perpetuação do ciclo da violência no espaço urbano. Ao defender “o patrimônio do bacana” (32), os policiais apontam a arma para a cabeça do assaltante. O narrador é colocado em plano inferior, denotando o patrimônio do dono do carro como mais importante do que os motivos que o forçam a cometer atos de delinquência. O narrador/assaltante é o “homo sacer”⁵² (Agamben 1998) que da lei só herda punição e nunca tem seus direitos protegidos por ela.

Enquanto a situação ocorre, o assaltante se sente injustiçado pela possibilidade de lhe retirarem mais um direito - o de “chegar lá no barraco e beijar as crianças” (32). Percebe-se o desejo do assaltante em exercer um de seus poucos direitos adquiridos - o de rever a família no final do dia. No desencadear de más notícias, imagina-se ouvir na TV “aquela mesma discussão ladrão que rouba ladrão a aprovação do mínimo ficou para a próxima semana” (32). No contexto econômico do Brasil, é frequente a discussão acerca do injusto disparate entre os megalomaníacos acordos salariais para governantes em comparação ao miserável valor do salário mínimo, cujo aumento é invariavelmente adiado por longos períodos. Apesar da aprovação do aumento do salário mínimo no dia 16 de fevereiro do ano de 2011, conforme anunciado *on-line* no *Jornal Correio de Notícias*, um trabalhador assalariado terá que trabalhar cerca de 50 anos, sem realizar

⁵² Indivíduo vivendo em “estado de exceção”, ou seja, tendo negado seus direitos sociais mas estando sujeito à rigidez da lei.

despesas, para acumular o que recebe, em um um ano, um deputado ou um senador no congresso brasileiro.

Vemos assim, que a pobreza é um fenômeno social e não individual. Há mecanismos sociais que explicam a sua produção (e reprodução) no cotidiano da vida em sociedade (Marques 2010) e percebemos no conto “Esquece”, o narrador como um homem cansado do bombardeio de injustiças sociais por todos os lados, mas que nunca consegue escapar da sina de ter que lutar contra sua opressora condição socioeconômica. O conto revela que o narrador usa a criminalidade como maneira de aceder à agência social.

A cidadania brasileira é também parte do debate a que esta tese, bem como este capítulo, se propõem. Assim, é de interesse aqui, discutir o tratamento, por vezes diferenciado, que recebem as elites, que exercem plenamente a sua cidadania, comparado ao tratamento dado pela lei à outras categorias da população, como, por exemplo, a população carcerária. No desencadear da trama de “Esquece”, o narrador é preso. Nesse trecho do conto, percebemos mais um tipo de violência contras os subalternos, a degradante situação do sistema carcerário brasileiro: “violência é a gente tomar tapa na cara e na bunda quando socam a gente naquela cela imunda cheia de gente e mais gente e mais gente...” (32). As prisões, nas condições em que se encontram, exemplificam a cidadania disjuntiva e a negação dos direitos humanos da população carcerária. As celas são superlotadas e as condições, precárias. Há relatos de morte por asfixiamento em celas nessas condições desumanas. Caldeira (2000) revela que “one of the first very serious violations of human rights occurred during carnival in 1989. Eighteen of the fifty prisoners kept in a cell of three square meters died of asphyxiation” (397). Ao invés de

sublimar o desejo de violência visando ter aqueles valiosos pertences, o personagem anuncia que “fica pra depois uma outra hora” (33) indicando que haverá uma próxima vez, quem sabe um próximo assalto, uma nova vítima.

Ao final do conto, nota-se que a humilhante condição do prisioneiro instiga nele mais vontade de roubar. Porque roubar, embora represente uma violência, é a única forma que lhe foi deixada para aceder aos bens de consumo. Vitimizadores das classes abastadas e vítimas do sistema social, ao mesmo tempo, sujeitos subalternos como o protagonista de “Esquece” vivem o perpétuo ciclo vicioso de sofrer e perpetrar violência.

Continuando a discussão da anomia social iniciada em “Solar dos Príncipes”, a relação do ser humano com o consumo e os objetos de consumo também analisado em “Esquece”, e da violência no cenário do trânsito dos centros urbanos brasileiros que “Esquece”, “J.C.J.” e “Angu de Sangue” apresentam, o conto “J.C.J” trata-se da história de um menino de rua, desnutrido, que ameaça uma robusta mulher de classe média. Esta abre o vidro de seu carro em um sinal de trânsito para insultar o menino que lhe pede dinheiro. J.C.J corta-lhe o pescoço com uma lâmina e, sem obter ajuda de nenhum dos presentes - dentre eles taxistas, pedestres, outros motoristas e um frentista de um posto de gasolina - a mulher morre. J.C.J foge. O conto, como três dos outros analisados anteriormente, se passa no violento trânsito dos centros urbanos. Na apresentação do menino, lemos “Adolesce o menino de rua” (123) remetendo ao fato de que ele é morador de rua desde a infância. Através dessa passagem do conto, o autor faz crítica à sociedade brasileira que não ignora o fato de haver milhares de meninos como J.C.J, comentando delitos iguais, dia após dia. O governo prefere ignorar tanto os fatos, como os meninos, como se fossem “wasted humans” (Bauman 2004), ou seja, restos do sistema social,

relegados à condição de quase inexistência ou de invisibilidade perante o Estado. O menino, J.C.J. (cujo nome faz lembrar a inscrição “JCRJ” na cruz de Cristo, *Jesus Cristo Rei dos Judeus*) é mesmo um “jesuscritinho”, que como Jesus (judeu ele mesmo) é “judiado”⁵³ pela sociedade e, diferente de Cristo – que simboliza amor, piedade, compaixão – J.C.J., para com a sociedade, mostra-se “sem piedade exposta” (123). A sociedade negou piedade a J.C.J., assim, ele não se apieda da mulher de quem se aproxima para assaltar.

A mulher assaltada é “gorda, muito gorda” (125). J.C.J é “menino cheirado à cola, sem sapato e sujo”(123), “fininho, pequeno” (124). Essa contrastante descrição nos remete à injusta diferença social onde os abastados têm, e muito, o que comer. A mulher é vítima do assalto, mas quem é mais vítima que o próprio J.C.J, abandonado pela sociedade violenta e que o ignorou desde a infância?

J.C.J. não se importa com a mulher. Ele vem em direção ao carro dela armado, pedindo dinheiro e chamando-a de “mocréia” (123). Ela, “abre a janela para dizer um palavrão” (123). Essa passagem revela a animosidade do primeiro encontro entre os dois. A mulher o insulta e ele também a agride verbalmente. Não há diálogo, não há respeito. A sociabilidade entre J.C.J. , um subalterno, e a mulher, que no conto representa a classe média, é marcada pela ausência de simpatia diante da causa alheia. A mulher “vota: em quem? Partido da situação não toma” (123). Essa passagem reforça a idéia de que a mulher, por ser membro de uma classe privilegiada não se importa com o destino de pessoas como J.C.J.

⁵³ No sentido popular da palavra, ou seja, maltratado, mas também levando o sentido adiante, tratado feito judeu, povo que sofreu o preconceito social e violência física durante várias épocas históricas.

Na sequência de insultos e descaso mútuo, J.C.J. “num golpe, lâmina” (124), ou seja, J.C.J. usa uma lâmina para cortar-lhe o pescoço. A mulher se espanta com o assalto por dois motivos. Primeiro porque não se julga suficientemente rica para que tal coisa ocorra com ela, “O que ele viu nela? Nem veste-se mais suntuosa” (124). Conforme Rotker (2002), “although wealth does not necessarily guarantee protection from violence, in a community of devastating need it is enough to appear rich by having more than others, whether it be a car, a job, a television, or a house in a neighborhood one step above the slum” (8). Assim, para J.C.J que não tem nada, sequer um sapato, a mulher torna-se um “prato cheio” para o assalto.

Como consequência do corte no pescoço, a mulher começa a desfalecer e apesar da presença de muitos carros, ela está “sozinha e Deus” (124). A presença de carros é indicada pela frase “os buzina” (124) e usando a personificação, Freire refere-se às buzinas como pessoas e, ao fazê-lo, descreve os que estão ao redor da mulher como seres sem humanidade, pois, ao vê-la morrer, não a ajudam. O relacionamento com os bens materiais superam o relacionamento humano. A sociedade de consumo é evidente. Outro exemplo dessa relação anômica entre seres humanos no conto, é o frentista do posto que “gasolinou-se até ela” (124). O “moço do posto” não caminha, “gasolina-se”, pois está tão mais intimamente relacionado à sua atividade profissional do que com um semelhante. Além de vê-la moribunda e não ajudá-la, “o moço foi invadindo o braço no seu assento, o bafo da bolsa abrindo. Levou-se seu dinheiro e documentos” (125). O moço do posto a rouba; os taxistas que ali se encontravam também não se importam e continua a “ver a conversão da tabela” (124). Aqueles que a rodeiam não se preocupam com a mulher, que é percebida como apenas um “motor morto” (124) e não um ser

humano. A sociedade consumista contemporânea privilegia o “ter” e não o “ser”, deixando mais uma marca de anomia nas relações sociais.

O outro motivo de espanto com relação ao assalto é a idade de J.C.J., “Deus nosso senhor, o menino nem tinha tamanho” (126) mas, estatisticamente, em alguns países da América Latina os jovens são os agressores mais frequentes. As gangues juvenis são responsáveis por um grande percentual de violência e pela insegurança dos cidadãos. Esses jovens agressores são também percebidos como os mais infames (Concha-Eastman 2002) revelando que o âmbito sagrado da infância, as “herdeiras do reino dos céus”, foi contaminado pela violência social, relegando-os ao “inferno na terra”. Assim, o desapiadado J.C.J., que não recebe nem demonstra piedade, foge e a deixa morrer.

Anomia social, cidadania diferenciada e violência, que agora invade o *domus* e vitimiza também a mulher, ainda um ser subalterno na sociedade brasileira, continuam a ser a temática do conto cuja análise vemos a seguir. “Angu de sangue” narra o encontro de um assaltante e um homem de classe média, também em meio ao trânsito. O carro é invadido pelo assaltante que sequestra esse homem e o obriga a ir a bancos e fazer saques em dinheiro. Quando o homem lhe havia entregado todo o dinheiro, o assaltante continua a exigir mais e pede-lhe que o leve até seu apartamento. Mas na verdade o homem decide levá-lo a outro apartamento, o da namorada Elisa. Naquele local, onde o assaltante esperava encontrar mais uma vítima para roubar, encontra a casa toda destruída e Elisa morta. Nesse momento, o homem, que passamos a saber matou Elisa, e que se revela também perpetrador de violência, quer encontrar uma maneira de atrelar a culpa da

morte ao assaltante; mas mata-o e sai do local. Ao final do conto, o assassino vê-se novamente no trânsito, quando aparentemente um outro assaltante aborda seu carro⁵⁴.

Esse conto se inicia com a revolta do narrador, homem aparentemente honesto, que se mostra inconformado com o ataque que sofre de um ladrão em meio ao trânsito. A indignação do homem, em princípio se deve ao fato de ter sido atacado no centro da cidade: “o que acontece com a nossa cidade, no coração de São Paulo vejo a cara feia de um revólver” (69). Percebemos na fala do narrador a crença de que o espaço público deveria ser um lugar seguro, mas está-se erodindo, deixando transparecer a indignação de muitos cidadãos que já não se sentem seguros em alguns ambientes das grandes cidades do Brasil, devido à violência urbana que se instalou e que se manifesta sob a forma de assaltos, roubos e sequestros.

Ao mesmo tempo em que se indigna com a violência dos espaços públicos, o narrador mostra-se também uma pessoa violenta pois no momento em que foi atacado pelo bandido, “tentava esquecer o inferno que foi a nossa briga” (69) referindo-se à briga que teve com a namorada Elisa que, como sabemos depois foi assassinada pelo namorado. As relações agressivas no conto sugerem a hostilidade no trato social entre classes sociais distintas, mas também dentro das esferas hegemônicas da sociedade, como os lares da burguesia. O narrador, personagem pertencente à classe média (sabemos isso, pois ele possui um carro, apartamento e conta bancária) é um sujeito ambíguo. Ao mesmo tempo em que condena a violência e a contundência das atitudes do ladrão, reconhece-se igual a ele ao dizer: “Também chamei Elisa de vaca, puta, escrota” (72). Mas também tenta construir um padrão que o diferencie do ladrão, chamando-o de “nojento” (70),

⁵⁴ O final do conto pode ser interpretado como um *mis-en-abîme* indicando a perpetuação do ciclo de violência.

“drogado” (71) e “violento” (72), relegando-o à condição de abjeção, uma forma que o separe daquele “outro”, assegurando sua superioridade social. Dessa forma, coloca o ladrão distante de sua condição de cidadão “honesto”. Para o ladrão não há desculpas para suas atitudes de violência. Mas o narrador, no entanto, justifica-se dizendo: “eu estava fora de mim. Dentro de mim havia alguma coisa. Algum demônio que mexia. Alguma mudança incontrolável” (72). Crimes cometidos por pessoas de classes mais altas, ou seja, por pessoas que não comungam do “perfil” criminoso (atrelado aos subalternos), justificam seus crimes, alegando estarem vivendo dramas psicológicos (Caldeira 2000). Esse fato revela a discriminação e o tratamento diferenciado dado à pessoas de classes sociais distintas, na sociedade, ou seja o caráter disjuntivo da democracia brasileira.

No desenrolar do conto, observamos que o narrador atrai o bandido para o apartamento de Elisa na tentativa de incriminá-lo pela morte dela. “Ele poderia atirar a qualquer momento. Puxar, em meu lugar, o gatilho” (70), “A gente entra sem fazer barulho. Sem testemunha” (71). O narrador estava seguro de que conseguiria um álibi no ladrão, pois certamente, imaginou que, se a polícia chegasse, pensaria que o sujeito violento era o subalterno e não a “vítima” de classe média do suposto assalto na casa de Elisa. Mas o final do conto deixa claro de onde vem a verdadeira violência. Sabemos que o narrador puxa o gatilho e mata também o bandido e tudo isso sem mostrar nenhum sinal de arrependimento, quando diz: “O bandido tinha o rosto de Elisa, tinha roubado a cara de Elisa. O maldito merecia, merecia. O maldito, um tiro na cara. Merecia” (73). O conto, ao final, revela que as relações violentas não se dão somente no espaço público, dão-se também, por motivos diversos, dentro das casas da burguesia. O crime do narrador contra

Elisa é um crime doméstico, cujas vítimas são, em sua maioria, mulheres e os algozes, os próprios maridos ou namorados das vítimas. O narrador escolhe agir violentamente contra os socialmente mais frágeis, o ladrão subalterno e a mulher, no ambiente doméstico. Esse fato demonstra a covardia e a certeza da impunidade. Ao falar sobre a polícia, diz, “A polícia não serve pra nada” (71), demonstrando o descrédito da população contra esse órgão do governo. Ao mesmo tempo pode significar a confiança de que, como membro de classe social superior, não será punido.

As várias instâncias de violência do conto, ou seja, do subalterno contra o narrador, do narrador contra a mulher e contra o ladrão, mostram o círculo de animosidade e constante anomia das relações sociais da contemporaneidade. Assim, “Angu de sangue” fala das “potential victims” (Rotker 2002), que podem ser “all of those who could be killed at any given moment... middle class, wealthy or poor: it is anyone who goes out and is afraid, afraid because everything is rotting and out of control, because there is no control, because no one believes in anything anymore” (16). Independente da sua classe social, na configuração social da atualidade, todos são vítimas em potencial. Vítimas ora da miséria e da desigualdade social, ora da própria condição mais abastada, ora da condição de fragilidade corporal que os colocam na mira da violência.

Em uma retrospectiva que antecede a conclusão para este primeiro capítulo, no primeiro conto, “Solar dos Príncipes”, vimos a associação indiscriminada entre criminalidade e pobreza, situação geradora da discriminação social que permeia o conto. No segundo, “Esquece”, o autor nos mostrou a perpetuação da violência causada pela

desigualdade social, passagem do meliante pelo sistema prisional (falido) e a maneira que o narrador, que representa os subalternos, encontrou de se reintegrar à sociedade: voltando ao crime. “J.C.J.”, assim como o anterior, revelou a natureza infértil dos encontros de cidadãos privilegiados e marginalizados, que terminam muitas vezes em desastres. O último conto analisado, “Angu de sangue” nos apresentou um narrador de classe média que é ao mesmo tempo vítima e algoz, deixando clara a “spiral of violence” (Lehnen 2008, 41) em que os personagens se encontram.

Quanto aos personagens dos quatro contos, os que enfrentam a condição de subalternidade, encontram maneiras, por vezes insurgentes – como assaltar, matar e sequestrar – como vimos nos contos “J.C.J.”, “Esquece” e “Angu de Sangue”. Os personagens desses contos rebelam-se na tentativa de alcançar direitos sociais como alimentação e moradia, que, negados a eles, causam privação econômica e conseqüentemente limitação em seu poder de consumo. Em “Solar dos Príncipes”, os personagens almejam atingir *status* de cidadãos, ao tentar se aproximar da classe burguesa, imitando-lhes a cultura e investigando seu modo de viver, mas não conseguem interação, ao contrário, são afugentados. Os personagens de classe média dos quatro contos, deixam transparecer o preconceito através das diversas formas de discriminação contra os subalternos. As estratégias de distanciamento geográfico e cultural reforçam a necessidade das classes média e alta em distinguirem-se e afastarem-se dos subalternos. A violência que permeia essas relações demonstra que não há desejo de integração ou busca de um senso comum para a vida em sociedade.

A decadência das relações humanas representada nos quatro contos, caracteriza o que anteriormente denominou-se como a erosão da cidadania, a quebra da sociabilidade gerada pela diminuição da convivência pública que permita interação entre os cidadãos em público. Há pouco ou nenhum contato entre pessoas de classes sociais diferentes. Não existe um local comum que agregue cidadãos de classes sociais distintas (Caldeira 2000). E quando esses encontros acontecem, o resultado gera, muitas vezes, feridas físicas, morais e psicológicas como os contos analisados nos revelam.

Dessa forma, conclui-se que a narrativa de Marcelino Freire representa a cidadania nos moldes atuais como um conceito “diferenciador”, que trata bem a elite e discrimina e pune os subalternos. A participação na arena do consumo aparece na análise dos contos como outro fator que permite (ou não) o exercício pleno da cidadania para a elite e é mais um elemento de segregação dos subalternos. A vida em sociedade nos grandes centros urbanos é, assim, representada não mais como um espaço aglutinador e que promove a homogeneização e igualdade de participação. O espaço urbano, na verdade, promove a intolerância, suspeita (sobre os subalternos em especial) e o medo, muito medo.

Capítulo II- Sobre porcos, cães e homens: violência e negação de cidadania em

Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos de Ana Paula Maia

O capítulo I discutiu a representação literária da violência social, material e simbólica advinda de encontros entre pessoas de classes sociais diferentes (entre subalternos e a elite) no ambiente público das megalópoles brasileiras, bem como as consequências maléficas dessa violência para a sociabilidade, que contribui para a homogeneização do espaço público.

No presente capítulo, analiso a violência dos subúrbios das grandes cidades brasileiras, que abriga seres marginais e carentes de recursos mínimos para a sobrevivência. O capítulo analisa a violência elevada à sua extremidade máxima, onde as relações são “canibalísticas”. O nível da carência dos personagens que estão aqui representados levam à carnificina e à sanguinolência, pois o meio que os principais personagens encontram de sobreviver é através do corpo de outrem, corpo este que se transforma em fonte de recursos, em “vítima sacrificial”, para que os mais fortes alcancem agência social e sobrevivam aos mais débeis social e fisicamente.

Para entender a obra, faz-se necessário conhecer melhor a autora da mesma e a forma como esta estreitou no meio literário. A escritora Ana Paula Maia se destaca entre a nova geração de escritores brasileiros na faixa dos 30 anos de idade, produzindo romances urbanos que, no caso da autora, carregam a violência sanguinária dos filmes do roteirista de cinema americano Quentin Tarantino. Narrado em terceira pessoa, num linguajar cotidiano, Maia apresenta, além de cenas sanguinolentas, histórias ambientadas em um cenário de violência social, cultural e ontológica que surgem da desigualdade

social que delimita as vidas dos personagens de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009)⁵⁵. O tom naturalista, que Antônio Cândido chamaria de “realismo feroz” (Cândido 1987, 212), carregado de traços de humor negro encontrados na obra, assumem um caráter de denúncia e crítica do quadro social brasileiro contemporâneo.

O inusitado em Maia não são apenas as várias formas de violência presentes na narrativa, mas também a sua ousadia em não esperar a “bênção” editorial para tornar público o seu trabalho. O uso da web como veiculadora de novas produções literárias está-se tornando uma maneira democrática de exercer a arte literária. Maira Parula⁵⁶, autora que desde 2002 hospeda seus textos no site *Prosa Caótica*⁵⁷ (Resende 2010), é outro exemplo desse novo tipo de manifestação.

Ana Paula Maia, autora do blog “Killing Travis”⁵⁸, seguiu a mesma tendência que a contemporânea Parula e utilizou-se da web para veicular *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* que antes de ser publicado pela editora Record. A web, além de fazer os textos circularem mais rapidamente, passou a ser também a fonte de algumas editoras para buscar novos talentos literários, como aconteceu com Maia.

Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos foi, assim, o primeiro “folhetim pulp” da web. Maia define o termo “pulp” afirmando que “é polpa. É na polpa, na carne musculosa, na importância e substância, na parte carnosa do fruto que está fincado o meu

⁵⁵ Antecedendo *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* publicado pela editora Record em 2009, Ana Paula Maia publicou em 2003 o livro intitulado *Os habitantes das falhas subterrâneas* na coleção “Rocinantes” pela Editora 7 Letras. Em 2004 Maia participou da coletânea *25 Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira* organizada por Luiz Ruffato com o conto “Nós, os excêntricos idiotas”. Em 2007 a editora Língua Geral publicou o seu segundo romance *A guerra dos bastardos*.

⁵⁶ Maira Parula é autora do livro *Não feche seus olhos essa noite* publicado em 2006 pela editora Rocco e que, além de ter escolhido veicular seu trabalho pela web antes da publicação em papel, compartilha outras semelhanças literárias com Maia, como, por exemplo, a sua literatura carregada de humor perverso ao descrever um absurdo cruel e, como Maia, gosta de escrever sobre sangue (Resende 2010).

⁵⁷ <http://prosacaotica.blogspot.com/>

⁵⁸ <http://www.killing-travis.blogspot.com/>

mundo das idéias. O universo que tenho criado é recheado de uma espécie de polpa que mistura o valor humano, a condição do homem, a imposição do trabalho, a brutalidade, as limitações, a resignação e as possibilidades várias de investigação da alma”. O romance *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* é “pulp” pois demonstra essa visceralidade. A autora vai ao âmago da violência do cotidiano de pessoas que vivem sob um calor sufocante nos subúrbios.

Apresentada a autora e sua obra, adentremos a análise da mesma sabendo que se trata de cenas de violência intensa, não somente pela quantidade de sangue e vísceras com a qual nos depararemos, mas por causa da exacerbação da carência social e civil dos personagens. A obra de Maia faz uma representação literária do que está “à margem da margem” e dos habitantes “invisíveis” aos olhos da sociedade. A obra representa espaços abjetos, os subúrbios e bairros pobres de grandes cidades brasileiras como por exemplo São Paulo e Rio de Janeiro. Os personagens do romance são pessoas pertencentes a uma camada da sociedade na qual não se vê presente a garantia de direitos sociais a homens embrutecidos pela “falta”. Percebe-se a carência em todos os níveis - no da saúde, da educação, da cultura, das condições de moradia e de trabalho.

Como esta tese propõe, o capítulo leva adiante a discussão sobre a negação ao exercício da cidadania, que também estará presente no capítulo III. Negar acesso a bens e serviços públicos como os citados acima, oportunidades iguais na arena do consumo e participação social significa negar-lhes o exercício pleno da cidadania. Por esse motivo os personagens de *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* usam a violência (representada através de suas atitudes e comportamento hostis e da matança

descontrolada) para acederem à agência social negada a eles pelo governo e pela sociedade.

Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos é composta de duas novelas literárias sobre a vida de “homens bestas”. A primeira novela tem o mesmo título do romance, “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, onde a autora nos apresenta Edgar Wilson, ganhador do “troféu de ouro Porco Abatido” (67), que “abate” homens, com a mesma maestria com que abate porcos, e seu companheiro de rotina e de lazer, Gerson. Este, para garantir sua própria vida, não hesita em arrancar o rim que anteriormente havia doado à irmã Marineia. Na segunda novela, “O trabalho sujo dos outros”, conhecemos, em meio a outros personagens, o lixeiro Erasmo Wagner que lida com os tipos mais repugnantes de dejetos. O lixo parte do seu dia-a-dia e é o que garante sua subsistência.

Esse capítulo focalizará a primeira novela “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” pois nesta, Maia representa bem as questões sociais a serem analisadas nesta tese. Aqui, nos aprofundaremos na história de vida de Edgar Wilson e Gerson cujas mazelas se entrecruzam com o sofrimento de outros personagens que atravessam seus caminhos. São esses encontros que desencadeiam a violência através da qual Edgar e Gerson garantem, ainda que forçosamente, sua participação na esfera pública.

Da leitura do romance restam os questionamentos: como está representada a cidadania (ou sua ausência) na obra? Como se manifesta a busca dos personagens por fazer valer sua cidadania? São dessas questões que se trata o presente capítulo.

Lê-se em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” sobre humanos que se aproximam do comportamento animal, sobre sangue que se esguincha, cirurgias feitas

com abridores de lata ou canivetes, sobre o mijo purulento e ensanguentado do homem que sofre de crise renal. As cenas violentas ilustram a rotina degradante dos personagens que são, conforme denomina o sociólogo Zygmunt Bauman (2004), “wasted humans”, o que, segundo Bauman, “está em excesso, o redundante, um produto inevitável da modernização, um acompanhamento inseparável da modernidade” (5). Bauman diz que essas pessoas são vítimas que perecem devido à sua exclusão social e a outros problemas advindos da impossibilidade de sistemas econômicos pautados nas políticas neoliberais, de garantir uma sociedade verdadeiramente democrática. Um desenvolvimento democrático deve, sim, ampliar o mercado interno, mas, ao mesmo tempo precisa viabilizar o acesso a políticas sociais e econômicas para todos. Houve sinais de melhoria no Brasil durante o governo Lula (durante esse período percebeu-se maior mobilidade social⁵⁹), apesar disso, cidadãos ainda são marginalizados e não recebem tratamento socioeconômico igualitário, estando, por exemplo, excluídos da sociedade de consumo por causa da sua debilitada condição econômica.

A teoria do cidadão como consumidor de Nestór García Canclini (2001) postula que o sujeito contemporâneo é influenciado por um crescente comportamento consumista. De acordo com Canclini, ser um bom cidadão hoje em dia implica em consumir, o sujeito contemporâneo realiza “rituais de consumo” para conectar-se com a sociedade pois isso os permite afastarem-se da imagem de inferioridade social. Portanto, negar chances de participação igualitária na sociedade de consumo também constitui uma

⁵⁹ Um artigo publicado em fevereiro de 2009 por Luciano Martins Costa no site da Fundação Getúlio Vargas intitulado “Mobilidade Social no Governo Lula: a mídia ignora o Brasil” (<http://www.fgv.br/ibrecps/clippings/lc292.pdf>) informa que no extremo inferior da pirâmide social brasileira, as classes (sociais) D e E estão encolhendo com maior número de famílias ascendendo à classe C.

negação ao direito de exercer a cidadania. Tendo esse direito reprimido, os personagens Edgar Wilson e Gerson encontram a solução em maneiras insurgentes de garanti-los.

Extrapolando os limites da agressão e da violência, Edgar transforma vidas humanas em “commodities” das quais ele se dispõe como mercadoria. O capitalismo predatório rege a vida dos cidadãos transformando a vida de humanos em seres “objetificados” fazendo com que as vidas se tornem “functional” (Baudrillard 1998, 25). É esse o padrão das relações humanas em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”. A vida humana nessa novela só funciona como moeda de troca; são valiosas se geram algum retorno financeiro. Matar ou deixar morrer para possuir objetos e algum dinheiro os faz mais consumidores e portanto, mais cidadãos. Baudrillard (1998) comenta que “... the humans of the age of affluence are surrounded not so much by other human beings, as they were in all previous ages, but by objects. Their daily dealings are now not so much with their fellow men, but rather- on a rising statistical curve- with the reception and manipulation of goods and messages” (25).

Na primeira parte de “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, a vida de Pedro, o ajudante do abatedor de porcos Edgar Wilson, vale tanto quanto o peso de suas vísceras, que serão vendidas como as dos porcos. Nessa cena, Edgar Wilson flagra o ajudante “metendo em porcos que não lhe pertenciam” (25). Pedro tem uma relação sexual com um porco morto e o chama de Rosemary, a noiva de Edgar Wilson. Ao flagrá-lo, Edgar descobre quem é o amante de Rosemary, do qual ele já desconfiava. Na cena, Edgar Wilson:

“[R]asga Pedro ao meio, remove seus órgãos e fica admirado com seu peso. Pedro vale tanto quanto a maioria dos porcos, e suas tripas, bucho, bofe, compensaria a

perda do outro porco... Edgar Wilson admira-se em ter subestimado Pedro algum dia. Ele moeria os restos mortais no triturador junto com os ossos da saca e venderia para a fabricação de ração para cães” (28).

Edgar degrada a imagem de Pedro, que o fizera um “cornudo” e relega-o à posição desumanizada, que o transformara em somente uma porção de carne e vísceras. Edgar, não perdoa Pedro, pois o mesmo ameaçou sua masculinidade. Edgar usa a violência como forma de restabelecer sua identidade de homem viril. Se não se vingasse, seria desmoralizado diante de seu amigo Gerson que o apoia, também relegando Pedro à condição de “lixo humano”, dizendo: “Então ele teve o que mereceu. Não se preocupe, Edgar, ele não prestava pra nada mesmo. Eu faria o mesmo, mataria e lançaria aos porcos” (61). Gerson e Edgar têm muito pouco, mas a sua virilidade ninguém pode ameaçar; eles a preservam a qualquer custo, pois essa é uma das poucas maneiras que lhes restam de se expressarem socialmente, já que são destituídos de todos os seus direitos sociais.

Mas, sobretudo, a Edgar Wilson, que tem uma vida de limitações financeiras, interessa encontrar maneiras de garantir-se financeiramente. Pouco lhe importa se o que venderá são as tripas do ajudante assassinado ou as de um porco qualquer. Para que Edgar possa-se tornar mais um membro ativo da sociedade consumista, ou seja, alguém que tenha dinheiro para exercer essa atividade, Pedro é um produto que garante a ele uns trocados a mais. Matando-o e vendendo-o, ganha mais dinheiro. Assim como Pedro, a noiva traidora, Rosemary, foi esquartejada por Edgar e “foi devorada por uns porcos famintos durante toda a madrugada. Sem restos ou rastros. A geladeira com os imãs de frutinhas ele pegou de volta” (59). A vida de Rosemary tem menos valor do que uma

geladeira com imãs de frutinhas. No primeiro caso, o de Pedro, Edgar vende os restos mortais para conseguir mais dinheiro. Já Marineia o poupa desse trabalho, uma vez que a geladeira oferece ainda mais vantagens financeiras que a venda de seu corpo. O valor da vida humana é medido pelo quanto de lucro essa poderá gerar. A geladeira, além de ser um item indispensável, pois quem vive “... pisando em asfaltos fumegantes sabe o que representa uma geladeira nova e que faz gelo...” (62), representa uma vida melhor e também *status* social na comunidade em que vivem Edgar e Gerson. Esse eletrodoméstico denota luxo e *status*, haja vista que ganhá-la havia sido a condição *sine qua non* para que Rosemary aceitasse se casar com Edgar.

Edgar Wilson não sente culpa ou remorso de matar quem quer que o incomode. Esses são sentimentos por demais refinados para “brucutus” como ele. Edgar, provido de pouca ou quase nenhuma sensibilidade, um ser animalizado, segue a vida sem pensar nas consequências, pois a vida não tem nenhum cuidado com ele próprio, um subalterno, marginalizado socialmente. Se a vida não cuida dele, porque então Edgar Wilson teria qualquer sentimento de piedade pela vida da mulher moribunda que, como veremos, é vítima do acidente de carro provocado por um de seus porcos? Nessa passagem, Edgar e Gerson dirigem pela rodovia levando na traseira do carro uns porcos que seriam vendidos. O carro que dirigem é acometido por um defeito mecânico obrigando-os a carregarem os porcos em bando ao longo da estrada. Nesse momento alguns desses porcos fogem, invadindo a pista e causando um acidente com uma mulher que seguia por essa mesma estrada, fato ao qual os dois amigos dão menos importância preferindo preocuparem-se com os porcos. Na cena, Gerson e Edgar conversam:

“ _ Só tem cinco. É aquele manchadinho que não tá aqui.”

“ _ Deve ter corrido pro outro lado.”

“ _ Temos que achar, precisamos dos seis. Ouvem um gemido, um som ecoando intercalado com pausas e pensam ser o porco fugido, possivelmente ferido” (48).

Mesmo tendo presenciado a batida de carro, a primeira preocupação eram os porcos; e depois de uma pausa a conversa continua:

“ _ Você disse que tinha uma mulher ali dentro?”

“... Edgar vê uma mulher de meia-idade, desconjuntada entre as ferragens e com algumas fraturas expostas. A mulher tenta falar, mas não consegue... Do outro lado do carro Gerson apanha um telefone celular caído no chão, debaixo do banco do carona....”

“ _ Você sabia que esses aqui tocam música?” (48)

Tendo em vista suas necessidades materiais, tudo que importava naquele momento era recuperar o prejuízo dado pelos porcos fugidos. E a morte da mulher que dirigia o carro quando se acidentou, lhes daria um bônus, o moderno celular que toca música e tira fotos, outro símbolo de *status*. Através da possibilidade de possuir um celular, esses personagens sentem que têm algum valor. Gerson ao ter o telefone nas mãos, “Olha-se no espelho retrovisor, com aquele telefone agarrado na orelha, e sente-se um homem importante. Uma coisa dessas lhe cai muito bem” (52) e continua: “ Se eu

tivesse um [celular] desses, ia pegar muita mulher por aí...” (55). No pensamento de Gerson esse é um sinal de ascensão social que lhe garante prestígio.

Agindo como um sociopata, ignorando a mulher ferida, Gerson, em princípio, associa a posse do celular ao destaque social que esse objeto lhe atribuiria. Conforme o estudo de Baudrillard (1998), uma pessoa nunca consome um objeto em si, ao contrário, nós manipulamos os objetos como sinais que nos distinguem dos demais membros em nosso grupo social ou nos afilia a um grupo de maior destaque (61). A geladeira e o celular lhes dá acesso ao mundo tecnológico. Esses objetos são símbolos que empoderam socialmente Edgar e Gerson, fazendo-os se sentir mais viris, oferecendo-lhes um simulacro de mobilidade social, ainda que apenas aos olhos dos outros personagens, ou ao menos é essa a mensagem que tais objetos remetem a eles. É como se esse celular e a geladeira fossem uma porta de entrada para uma vida moderna, muito diferente da condição física e social do habitat em que vivem.

Os dois amigos habitam espaços suburbanos onde pessoas vivem sob moldes de uma sociedade rural. Apesar de não podermos confirmar tal cenário através da obra, sabemos que, por exemplo, eles sobrevivem da cria e abatimento de porcos, atividade comum na zona rural. Ainda que pareçam viver isolados ou muito distantes das cidades desenvolvidas, Edgar e Gerson, assim como os outros personagens de Maia, deixam transparecer a influência da globalização e da tecnologia sobre seu comportamento. Na tentativa de chamar socorro para a mulher presa nas ferragens, Seu Zé, o homem para quem os dois pedem ajuda, recomenda-lhes que liguem para o número “911” que, como sabemos, é o número de socorro dos Estados Unidos. Esse fato demonstra, de forma

irônica, a forte influência da cultura hegemônica liderada pelos Estados Unidos da América sobre outras culturas, como a do Brasil. Parece que a influência global não tem limites, assim como o modismo global da cultura de *shopping centers* também não. Gerson, por exemplo, deixa claro para Egdar que sua vida não se limita a abrir barriga de porcos, mas que ele também “frequenta muito esses lugares bacanas” (49). A globalização e a tecnologia que veicula os padrões de comportamento “adequado” (nos moldes globais da sociedade de consumo) para que uma pessoa seja capaz de se inserir nesse contexto e ser, portanto, um “bom” cidadão. Esse fato revela o enorme impacto do consumo na sociedade contemporânea (García-Canclini 2000; Bauman 2007).

Assim, Edgar Wilson e Gerson são seduzidos pelas propagandas e as imagens que as mesmas vendem: “Edgar Wilson vê ao longe uma propaganda de cigarros. A mesma marca que fuma há dez anos. Suspira até sentir um pouco da fumaça em seu interior escoar. Em dez anos, nunca conseguiu uma mulher tão bonita como aquela da foto. Talvez devesse fumar mais um pouco” (44). A cena representa o fato de o ser humano se alimentar das fantasias que a propaganda no outdoor proporciona. E essas imagens por sua vez também nos “consomem”.

Vance Packard em *The Hidden Persuaders* (1957) já escrevia sobre o poder que a propaganda tem na manipulação do psicológico humano. De acordo com Packard, os consumidores são estimulados a comprar através das técnicas de marketing que criam “...wants in people that they still didn't realize existed” (21). Essa técnica impulsiona o consumidor a fantasiar sobre a necessidade de consumir um produto. Mais especificamente sobre o consumo de cigarros e o hábito de fumar, Packard revela que as

peessoas fumam por que “...it makes them less nervous and more sophisticated. It provides a sense of virile maturity and a ‘psychological satisfaction sufficient to overcome health fears, to withstand oral censure, ridicule’” (58-59). Assim, Edgar Wilson imagina que fumando mais será capaz de atingir o *status* do homem que vê no outdoor ao lado de uma bela mulher.

As propagandas são armas eficientes do sistema capitalista. Através delas, os consumidores são convencidos a consumir mais e mais; e dessa maneira dão suporte e perpetuam o sistema consumista e capitalista dos quais nem todos podem participar gerando impacto no conceito de cidadania, de democracia e muitas vezes ocasionando comportamento violento naqueles que procuram um meio de se inserir forçosamente na cultura de consumo.

Através do valor atribuído pelos personagens aos objetos, o romance deixa transparecer a importância dos bens de consumo e a necessidade de participar dessa sociedade. A geladeira e os ímãs referidos no conto valem mais que a vida de Rosemary; o dinheiro vale mais que a vida de Pedro e, conseqüentemente, um celular que toca música e tira fotos e a procura dos porcos fugidos têm prioridade sobre o salvamento de uma mulher. Mais uma vez, devido à urgência do consumismo, o valor da vida humana é negligenciado, mostrando que as relações sociais estão cada vez mais anômicas.

A violência usada por Edgar e Gerson sobre as vidas de Pedro, Rosemary e a dona do celular tinham a intenção de restabelecer a ordem social nas vidas dos dois amigos. As vítimas de Edgar e Gerson são conforme Girard (1977), “surrogate victims”. Nos rituais de sacrifício das civilizações arcaicas, as “surrogate victims” eram usadas como

válvulas de escape dos impulsos violentos acumulados no interior da sociedade. Nelas os verdugos despejavam o seu ódio. Assim, se aliviam, poupando a sociedade de possíveis conflitos (81-82). O propósito desses sacrifícios era restaurar a harmonia da comunidade e reforçar o tecido social (8).

As vítimas para o sacrifício, como revela Girard (1977), deveriam ser humanos que fossem até certo ponto participantes da comunidade, mas que mantivessem um certo nível de diferença aos olhos dessa comunidade. Dessa forma elas eram escolhidas entre os seres que se encontravam fora ou às margens da sociedade (12). Assim, Pedro, Rosemery e a dona do celular são vítimas perfeitas para Edgar e Gerson porque encontram-se em um *status* social inferiorizado e fora da proteção da lei. Edgar e Gerson, por sua vez, são vítimas diante da sociedade que os sacrifica negando-lhes direitos sociais como capacidade de participar na arena do consumo, boas condições de moradia, trabalho e alimentação.

Através de suas vítimas, Edgar Wilson e Gerson restabelecem a ordem social em suas vidas individualmente. Pelo “sacrifício” das mesmas, a paz se re-instaura para eles. Edgar Wilson vinga-se da traição de Pedro e lucra com a venda dos seus restos mortais. Mata Rosemery e toma de volta a valiosa geladeira. E com o celular da mulher morta, Edgar e Gerson recuperam o prejuízo do porco morto no acidente.

Analisando as rinhas como contextos de ritos sacrificiais, podemos estabelecer um paralelo entre as rinhas de cachorros às quais Edgar gosta de assistir e a “rinha de

humanos” que se forma na trama. O governo ignora⁶⁰ as “rinhas” de humanos (ambiente de violência física e social) que se formam nos subúrbios e bairros pobres. Edgar, “criado feito cão de rinha... sabe que nasceu para matar porcos, cães e homens” (70). No contexto da novela de Maia, da mesma maneira que cães são sacrificados nas rinhas pelos homens, os representantes do poder público assistem impassivamente ao sacrifício de humanos, simbolizado pela penúria econômica e falta de acesso aos benefícios da cidadania, já que sofrem privações de acesso no âmbito econômico, cultural e social. A obra de Maia faz um paralelo entre as duas rinhas, a de cães - dentro das grades- e a humana no contexto social.

A violência, como em qualquer ambiente de sacrifício, é a palavra de ordem em todas as cenas de “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, seja no âmbito social (negação de direitos básicos à sobrevivência) ou simbólica (cultural). Paradoxalmente, a violência é a ordem, pois ela é um componente rotineiro, presente nos mínimos detalhes da vida de Edgar e Gerson. É, então, através da violência que suas vidas se “ordenam”. Esses personagens, impregnados pela violência que se apresenta a eles sob formas diversas (como mencionado acima), só conseguem se organizar e extrair sentido para suas vidas em um contexto violento.

Por exemplo, em busca de lazer, Edgar Wilson, se não está nas rinhas de cachorros, entrete-se com o amigo Gerson assistindo às aventuras do ator Chuck Norris interpretando o violento *Braddock*⁶¹ (19). Para ele, não há no mundo bem mais precioso

⁶⁰ Embora recentemente (a partir de dezembro de 2008), o governo do Rio de Janeiro tenha iniciado a instalação de UPPS (Unidade de Polícia Pacificadora) nas favelas da cidade do Rio de Janeiro.

⁶¹ Personagem vivido pelo ator Americano Chuck Norris. *Braddock* é um personagem que age com extrema violência e sangue frio contra o inimigo.

que as fitas do seu ídolo *Braddock*. Nos intervalos do trabalho, histórias como a do velho surdo atropelado na linha do trem (30) ou as lembranças de quando um deles matou e estripou o cachorro da vizinha Matilde (18), quem sabe ainda aquele caso do cão de nome Fofinho, o poodle do seu Alípio (um dos personagens da trama, vizinho de Edgar e Gerson) que comeu a família depois de um acidente fatal (30) são os assuntos que os mantêm entretidos e em paz. O caos e a violência sugerem a ordem na vida de Edgar e Gerson.

Apesar do caos e da violência em que muitas pessoas no Brasil vivem, Holston comenta que:

“Brazilian democracy has advanced significantly in the last two decades. Indeed, it has pioneered innovations that place it at the forefront of the democratic development worldwide. Yet, precisely as democracy has taken root, new kinds of violence, injustice, corruption, and impunity have increased dramatically. This coincidence is the perverse paradox of Brazil’s democratization. As a result, many Brazilians feel less secure under the political democracy they have achieved, their bodies more threatened by its everyday violence than by the repression of dictatorship” (*Insurgent Citizenship* 271).

A controvérsia da desigualdade social em países politicamente democráticos como o Brasil reside no fato de que, teoricamente, um estado igualitário deve garantir a proteção dos direitos civis, políticos e sociais dos cidadãos, o que inclui, entre outras coisas, acesso à educação, à moradia, ao saneamento básico, à água tratada, à alimentação, à saúde, à segurança e às condições saudáveis de trabalho. No entanto, o que

de fato ocorre é que muitos desses estados “democráticos” vivem uma “disjunctive democracy” (Holston 2008, 309).

Segundo Holston, as democracias desiguais são caracterizadas pelo impedimento da cidadania no aspecto civil, assim como sua sistemática violação de direitos civis, ocasionando situações de violência, injustiça e impunidade (271). Percebem-se mais infrações contra o exercício da cidadania na descrição do espaço onde se desenvolve a narrativa de “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”: “... no subúrbio quente e abafado, esquecido e ignorado...” (16), “ ... longe das praias de areias úmidas, comendo poeira, economizando água sob quase 40 graus diariamente, pisando em asfaltos fumegantes sabe o que representa uma geladeira.... assim como água tratada e esgotos fechados, mas ainda precisa conviver com as merdas ao ar livre e os vermes” (62). Essas condições representam uma realidade bastante conhecida de brasileiros moradores de subúrbios e bairros desestruturados.

A descrição dos subúrbios e bairros pobres na narrativa, lugares “distópicos” que fazem lembrar as cidades da idade média, em um tempo em que não havia o conceito de saneamento e outros tipos de infraestrutura urbana. Sabe-se que por um lado, há a cidade tecnológica, desenvolvida e bem planejada dos ricos e na contramão, a arcaica condição de vida dos pobres, revelando a enorme disparidade social entre estas e classes média e alta no Brasil, como também ilustra a fragmentação social e urbana que percebemos no texto de Maia.

Advindos de um sistema sociopolítico ineficiente temos problemas sociais como a pobreza, a enorme desigualdade social e suas consequências, como o tráfico de drogas,

junto à ineficiência do aparato estatal contra a corrupção, são apontados por Holston (2008) como os causadores da violência urbana. Em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, seguimos detectando a representação da violência social. Edgar Wilson e Gerson vivem no que Agamben (1998) chamaria de uma “inclusive exclusion” (8), ou seja, como os “homine sacri” (Agamben 1998), ao mesmo tempo que esses sujeitos fazem parte do corpo estatal, da sociedade, não se encaixam nem dentro nem fora da lei. Eles devem obediência à ela, mas dela não recebem garantias que um país democrático deveria oferecer aos cidadãos. Os personagens herdaram da lei a punição se necessário for, mas dela não recebem proteção, levando-os, muitas vezes, a cometerem atos violentos para garantir, por suas próprias mãos a sobrevivência e o dinheiro, que é o instrumento que garante acesso à cidadania.

O ambiente em que vivem Edgar Wilson e Gerson são espaços onde não se vê intervenção do Estado para melhorar as condições de moradia e a segurança dos marginais. Em lugares como os subúrbios onde moram, prevalece a lei do “olho por olho, dente por dente” e do “cada um por si”. Na palavras do narrador, “[P]or isso cada cidadão tem seu facão, amolado ou não” (72). Edgar Wilson e Gerson sabem que esperar apoio e proteção do governo (sob a forma de segurança pública e garantia de direitos sociais) é inútil para esses filhos renegados pelo país. Ter que viver sob a ordem do “olho por olho, dente por dente” denuncia a decadência da qualidade nas relações humanas. A vulnerabilidade a que a violência submete as pessoas, reflete o medo que se instalou entre elas, obrigando-as a estarem em constante posição defensiva. Nota-se, sob o aspecto estritamente social, na passagem acima, a perda de uma identidade coletiva, da noção de comunidade, de bem-estar comum; enfim, da sociabilidade.

A presença do Estado para garantir o bom funcionamento da lei e da ordem social na novela só aparece em circunstâncias como as do exemplo a seguir:

“É que por esses lados a polícia só aparece quando alguém de fato está morto. Só vêm mesmo para fazer a ocorrência, tomam um café enquanto esperam o rabeção e depois vão embora. Aqui, dificilmente se salva uma vida. É longe. Ninguém sabe direito onde fica. Se perdem no caminho. É o que dizem para justificar a demora. A polícia só chega mesmo para fazer a ocorrência dos fatos perante os mortos” (72).

A ausência de proteção e cuidados para com esses personagens demonstram a indiferença da lei com relação às vidas dos moradores de bairros pobres e dos subúrbios. Essas pessoas, além de isoladas fisicamente das áreas mais desenvolvidas da cidade, quando morrem viram estatística policial e só configuram na lei como “ocorrências”, revelando seu *status* de “menos-cidadãos” perante a sociedade.

Edgar Wilson e Gerson vivem em lugares sem infra-estrutura, onde “...os bueiros não têm tampas, ficam expostos e trazem o primeiro descuido. Ao menos aqui as coisas funcionam assim” (72). Pessoas que residem nesses lugares insalubres naturalmente ficam mais suscetíveis a doenças e têm dificuldades em encontrar tratamento público de saúde em cujos postos não consegue-se atendimento para os inúmeros casos de pessoas doentes que os procuram a cada dia. O descuido com o sistema público de saúde representa um exemplo da quebra do contrato social que deixa os pobres em tratamento de saúde, como, por exemplo, o personagem Gerson.

Gerson, experimenta terríveis crises renais, mas é um homem resignado. Ele sabe que não terá apoio do Estado para se tratar. “O que eu posso esperar dessa vida, Edgar? O

que eu posso esperar desses médicos? Desses hospitais? Vou sangrar até morrer... vou morrer nos corredores do hospital, Edgar” (80). Gerson sabe que pessoas como ele são “invisíveis” aos olhos do sistema social. Em um país em que um número alto de pessoas morrem nas filas dos hospitais públicos⁶², que sequer têm leito para atender a todos, Gerson é apenas mais um para morrer em consequência das condições precárias das políticas de saúde pública como no Brasil.

Não fossem as maneiras, embora violentas, encontradas por Edgar Wilson e Gerson para se assegurarem, certamente já teriam perecido. Gerson precisava encontrar uma alternativa para sobreviver à crise renal, então é lembrado por Edgar Wilson que uma vez Gerson havia doado um rim à irmã Marinéia, que se tornara uma prostituta. Então, Gerson, ajudado pelo abatedor de porcos Edgar Wilson, em meio a conversas corriqueiras, tragos de cigarros e goles de cerveja, após desmaiarem Marinéia, jogam-na dentro da banheira e iniciam o procedimento da retirada do rim que era de Gerson por direito. “Aqui, Edgar, a cicatriz. É só a gente cortar em cima” (35), “Gerson vai até a cozinha e volta com algumas coisas que talvez possam ajudar. Um abridor de latas, um cortador de legumes, colheres e algumas faquinhas sem serra” (35). E Edgar, com sua habilidade em abrir porcos, devolve ao amigo o rim que acabara de retirar de Marineia, apesar de que ele nunca consegue um médico que realize um transplante. Já que não podem recorrer a meios mais ortodoxos para tratar da saúde, fazem o que está a seu alcance. Edgar Wilson e Gerson insurgem-se e protegem a si mesmos, a despeito da morte de outrem. Ao arrancar o rim de Marinéia, nota-se que o instinto puro de

⁶² Notícias sobre pessoas que vêm à obito ao aguardar atendimento em filas dos INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) são constants em grandes jornais brasileiros como a *Folha.com*. A exemplo a notícia sobre homem idoso que morreu após esperar 12 horas por atendimento em fila do INSS na cidade do Rio de Janeiro em março de 2005. (<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2005/03/07/ult1928u949.jhtm>)

sobrevivência impulsiona Gerson. Para ele, pouco importa se a vítima é sua própria irmã. A cena denota a quebra da sociabilidade também no ambiente familiar. Os laços de sangue não são suficientes para proteger Marineia do ataque do irmão. O egoísmo, a brutalidade e a falta de solidariedade dita a relação “fraternal” entre os dois.

Em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos”, como observamos acima, percebe-se a agressão de alguns personagens contra outros para garantirem sua participação ativa (mesmo que de forma negativa) na sociedade. Como veremos a seguir, a narrativa também nos apresenta cenas de violência “ontológica”⁶³. Da parte da sociedade, esse tipo de violência se manifesta na intolerância à alteridade, na vontade de negar o outro. A sociedade segrega pessoas que são como os personagens de “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” porque eles são pessoas para quem não desejamos olhar. A marginalização de sujeitos como Edgar e Gerson é devida à abjeção a que suas vidas nos remete.

De acordo com Kristeva (1982), “[T]his is thus, no lack of cleanliness or health that causes abjection but what disturbs identity, system, order. What does not respect borders, positions, rules. The in-between, the ambiguous, the composite” (4). Edgar e Gerson são causadores de incômodo pois rebelam-se contra o *status quo*, aproveitando-se da lei que não está ali para protegê-los ou sequer puní-los e assim cometem crimes hediondos, ameaçando a ordem e o sistema. Vivendo às margens sociais, esses dois personagens representam ambiguidade e por isso não nos identificamos com eles.

É esse o poder do abjeto sobre nós: o medo do instável, do ambíguo, do que não nos parece humano, do que vem nos desestabilizar moral, emocional e num âmbito mais amplo, socialmente. Escondemos às margens da sociedade aqueles como Edgar e Gerson,

⁶³ Violência “fundadora”, “impregnada” no âmago do ser humano.

que não se parecem conosco, pois são abjetos e que só nos servem, por exemplo, para realizar serviços que nenhum de nós quer fazer, no caso dos nossos “anti-heróis” Edgar e Gerson, como matar e limpar a tripa do porco que mais tarde nos servirá de alimento e outras tarefas “marginais”.

Através do absurdo das cenas, Maia nos apresenta o cotidiano desses sujeitos marginais e através da representação da abjeção somos capazes de alcançar uma realidade sufocante que não faz parte da vida das classes mais abastadas. O aviltamento desses personagens nos separa deles, porque eles representam aquilo que não queremos ver mas que é o resultado do que Caldeira (2000) comenta a respeito da democracia brasileira: “...in Brazil political democracy has brought with it not respect for rights, justice, and human life, but their exact opposites” (52).

A obra revela, pois, que a cidadania, em contextos como os da vida de Edgar e Gerson, está em crise. Não há interação comunitária. Cada vez mais, como a obra representa, pessoas se isolam no mundo de suas necessidades individuais em detrimento de um agir social. Edgar e Gerson não se importam com mais ninguém. Mas as condições de vida em que vivem os obriga a ser assim, não há quem lhes dê algo em troca.

Conclui-se da leitura da obra de Maia que o “nojo”, o grotesco, o abjeto, o realismo feroz, o humor negro e a linguagem natural e cotidiana são estratégias da narrativa que servem para comunicar a estreita linha que separa a vida desses personagens da vida de porcos e cães de rinha. Através dessas estratégias, a autora consegue elevar à máxima potência a experiência do público leitor sobre a vida dos

personagens que são “restos” da experiência urbana. “The planet is full” (5) cita Bauman (2004), e alguém terá que ocupar espaços não habitáveis para que os centros das cidades, que se contrapõem aos subúrbios, possa continuar a se desenvolver.

Cada uma das cenas do romance revela a “falta” em todos os níveis, contra a qual Edgar e Gerson revidam de forma insurgente. Matar porcos, cães ou homens significa, no cotidiano dessas pessoas, uma forma de retirar obstáculos de seus caminhos e, ao atingirem seus objetivos alcançam um simulacro da cidadania. Eles não esperam pela ajuda e pela justiça que nunca virão e “arregaçam as mangas” para fazer valer sua cidadania a todo custo, sem se importarem com quantas vidas terão que perecer das formas mais grotescas como o romance nos revela.

O conceito de cidadania, como vemos não somente na obra de Maia, mas também nas obras de Freire⁶⁴ e Ruffato⁶⁵, está em crise. As obras analisadas nesta tese colocam em pauta a discussão acerca das consequências sociais da crise da cidadania que se reflete nas relações interpessoais e na violência que muitas vezes caracteriza a busca por plena participação social, ou seja, pelo exercício da cidadania.

⁶⁴ Ver capítulo 1.

⁶⁵ Ver capítulo 3.

Capítulo III- Escombros da “cidade da garoa”

Seguindo a mesma temática das obras analisadas nos capítulos anteriores, a da violência simbólica⁶⁶ e da busca por cidadania⁶⁷ nos fragmentados espaços da *urbe*, o presente capítulo analisa a obra *Eles eram muitos cavalos* (2001) de Luiz Ruffato. Ruffato, jornalista nascido em Cataguases, estado de Minas Gerais, vive hoje em São Paulo. Além de ter um grande projeto literário em andamento com a pentalogia *Inferno Provisório*⁶⁸, Ruffato destacou-se na cena literária brasileira com seu romance *Eles eram muitos cavalos*, que já se encontra em sua sétima edição e que narra um dia na grande e agitada metrópole que é São Paulo. Os fragmentos que compõem a obra têm espaço delimitado, a cidade de São Paulo; tempo definido, o dia 9 de maio de 2000 e personagens que pertencentes à classes sociais díspares como a elite, que desfruta da cidadania plena, a classe média e seus dramas sociais, os subalternos que, na maioria das vezes são ignorados, lutam por um espaço mais justo na sociedade e outros seres que sequer compreendem sua posição social.

Dessa forma, ao oferecer um amplo panorama dos habitantes da metrópole, o principal personagem da obra é a própria cidade de São Paulo. Nas palavras de Harrison (2005), “it is the very presence of the city that distinguishes this work of fiction as a novel” (151). Dessa forma, apesar de sua estrutura narrativa ser fragmentada, composta quase por aforismos literários, podemos compreender *Eles eram muitos cavalos* no

⁶⁶ Violência que se manifesta não apenas em forma de agressividade ou criminalidade, mas também no discurso da mídia, da televisão e de outros meios veiculadores de cultura.

⁶⁷ Busca por direitos civis e sociais que se manifestam na participação e agência social.

⁶⁸ *Inferno Provisório* é o nome da pentalogia iniciada em 2005. Dentre os quatro volumes já publicados encontram-se *Mamma, son tanto felice* (2005), *O mundo inimigo* (2005), *Vista parcial da noite* (2006) e *O livro das impossibilidades* (2008). O lançamento do último volume está previsto para agosto de 2011.

gênero literário *romance*. De acordo com o próprio autor em entrevista concedida a mim em janeiro de 2011, esse gênero, nascido da necessidade de afirmação de uma classe burguesa do século XIX, precisa ser reinventado de acordo com as necessidades de expressão das novas sociedades que vão surgindo.

Assim, frente à necessidade de “inventar” um novo romance, com uma linguagem que desse conta de narrar a metrópole nos moldes da atualidade, a narrativa fragmentada se mostra como uma solução para capturar, nas linhas de seu romance, uma São Paulo de infinitas culturas, vozes e experiências dentro de um espaço caótico. Ruffato se encarrega de mudanças no gênero romance ao nos apresentar *Eles eram muitos cavalos*. A obra, apesar de guardar semelhanças com o gênero romanesco se distancia desse padrão pela narrativa não linear que rompe com a sintaxe da língua portuguesa pela eliminação de pontuação que atrela a sensação de velocidade à leitura. Essa característica narratológica - “verbal immediacy and textual range [and] literary style [that] manages to reconcile erudite narratives with regional colloquialisms, educated discourse with illiterate orality” (Harrison 2005, 159) – rendeu aclamação crítica ao romance desde sua primeira publicação. Tal característica de certa forma representa impecavelmente a vida na cidade de São Paulo, a “cidade que não pode parar” e que agrega (mas não une) uma gama de seres diversos, como se fosse um “caldeirão cultural” (Carpinejar 2002). A pressa, a velocidade, o imediatismo em narrar, se exemplifica no trecho a seguir: “é um jesuscritinho ali assim deitado nem parece uma criança os longos cabelos louros cavanhaque antigos olhos castanhos um jesuscritinho estampa comprada num domingo de sol na feira da praça da república um garoto experimentado inconformado o vai-um

das coisas...” (20). A narrativa de Ruffato vai assim representando a vida em São Paulo, cidade veloz, na qual há que se ter muito fôlego para se viver.

Há também que se ter muito fôlego para ler os fragmentos que nos são apresentados. A literatura de Ruffato é cinestésica. Em sua obra não apenas lemos sobre a cidade, mas sentimos a experiência dos sons, como no “tum-tum-tum-tum” dos carros em “A caminho”, ou a sensação de estar sobre cada lombada, saliência, costelas e seixos sobre os quais esse carro transita e quase tateamos o couro do volante. De dentro do ônibus linha Garanhuns-São Paulo, “enxegarmos” a paisagem que a senhora idosa vê em “Mãe”: “E as cercas de arame farpado, as achas, o capim, o cupim, carcaças, de boi, urubus, céu azul, cobras, siriemas, garrinchas, caga-sebos, fuscas, cacherretes, cavalos, bois, burros, bestas, botinas, brejos, beirais, bodes, bostas, baratas, bichos, bananeiras, bicicletas, arvrinhas, árvores, árvores, árvores,” (18). A listagem das coisas vistas pela janela do ônibus reproduz o movimento veloz do ônibus, transformando a paisagem rural em um prelúdio da aceleração do tempo e da vida cotidiana que a senhora irá encontrar em São Paulo. Nesse mesmo fragmento sentimos o incômodo da bexiga que aperta e o “fedor do cubículo no rabo do corredor” (18) ou o “empestado ar de janelas fechadas, vidros suados, no soalho, esparramados, papéis de bala, de bolacha, guradanapos, sacolas, palitos de picolé, copos descartáveis, garrafas plásticas, farelo de biscoito de polvilho. De pão de broa, farinha, restos de comida...” (18). Todos estes objetos captam o desconforto da viagem além de conotarem a presença de outros passageiros. As cenas do romance de Ruffato conseguem narrar o inenarrável, através do jogo de linguagens, o uso da metonímia e da polifonia, jogos textuais e elementos da escrita tais como palavras

negritadas, italicizadas, entre parênteses. Assim, podemos além de ler, sentir cada palavra, vivenciando as experiências do texto escrito, mais do que apenas imaginá-las.

Outra característica da inovação do gênero romance realizada por Ruffato, é a dificuldade que encontramos em estabelecer um único narrador nos sessenta e nove fragmentos de *Eles eram muitos cavalos*. O narrador, que escuta cada oração inacabada, como no fragmento “O evangelista”: “*Auxilie-me nessa hora Senhor. Faça nascer da minha boca a*” (61), que perscruta os pensamentos mais íntimos jamais verbalizados pelos personagens, como em “Mãe”: “*E gente inda consegue dormir, meu Deus, a bocona jacarua, até ronca! Até baba! Comé que?*” (18), que sonda os sentimentos e ressentimentos, a exemplo da voz do subconsciente de um dos personagens de “A caminho”, que repete incessantemente o seu mantra pessimista: “*mais neguin pra se foder*” (14), o narrador que ganha forma nos corpos, nas ruas, nas estantes de livros e nas receitas. O narrador que em tudo vive, que tudo sente, que tudo vê, parece ser o próprio espírito da cidade de São Paulo. Em outros momentos, a “narrativa polifônica” (Harrison 2005) oscila, como em “Vista parcial da noite”, entre um narrador observador na terceira pessoa, “de pé a paisagem que murcha avelha rente a janela rosto rugabolsa de náilon desmuida no colo...” (100) e a narração em primeira pessoa que desabafa: “a batata das minhas pernas dói a cabeça dói e” (101). Sobretudo, na maioria dos fragmentos, o narrador dá voz aos que foram silenciados, aos que não interagem socialmente, no intuito de, nas palavras de Harrison, promover “the reader’s awareness of the need of a more egalitarian, less exploitative system of social exchange” (156). Essa estratégia narrativa de dar voz aos subalternos, juntamente com o fragmento “Hagiologia” - que nos apresenta Santa Catarina de Bolonha, santa que “dedicou sua vida à assistência aos

necessitados” (13) - reforça o projeto literário de *Eles eram muitos cavalos*, que vem a ser a promoção da justiça social⁶⁹.

Os personagens aos quais Ruffato dá voz e visibilidade, como o título explica, são os “muitos cavalos”, cujos nomes, pelagens e origem são desconhecidos. Extraído do famoso *Romanceiro da Inconfidência* (1953) de Cecília Meireles, o título do romance de Ruffato, assim como a obra de Meireles, remete ao anonimato, à vidas que fazem a história mas que não são mencionadas nas historiografias, cujos nomes e origem jamais serão lembrados. Em *Eles eram muitos cavalos*, a *urbe* é o local onde pessoas perdem sua identidade individual para tornarem-se parte da “massa” anônima composta por homens, mulheres, jovens, adolescentes, crianças, desempregados e desiludidos em busca de sobrevivência.

O romance tem como espaço uma cidade angustiante, na qual as relações sociais e interpessoais parecem estar, em sua maioria, fadadas ao fracasso. Nessa cidade, nada, nem ninguém está a salvo da violência (dos sequestros, dos acidentes, da covardia, das hostilidades, da discriminação). A exclusão, a desigualdade social e a cidadania disjuntiva, já marcas registradas da sociedade brasileira, compõem o cenário do romance de Ruffato. Em *Eles eram muitos cavalos*, Ruffato usa a narrativa fragmentada como técnica para representar a natureza também fragmentada das relações sociais entre os sujeitos contemporâneos no espaço urbano de São Paulo, que, no caso desse romance, é o microcosmo da nação brasileira. Esse capítulo se propõe a analisar a obra em busca de respostas para as seguintes perguntas: como Ruffato representa a cidadania e as relações sociais? O que esta nos diz sobre a configuração social urbana do presente?

⁶⁹ Ao enfatizar a desigualdade social e econômica entre as classes sociais que Ruffato representa na obra, esta assume um caráter denunciativo desse tipo de injustiça e, portanto, Ruffato promove o fazer da justiça social.

Eles eram muitos cavalos, nos apresenta “A Caminho”, “De cor” e “Mãe”. Através deles, o romance prediz que irá tratar de espaços sociais paralelos. Os três fragmentos apresentam três camadas sociais isoladas dentro de suas respectivas “cápsulas sociais”, demonstrando, desde o princípio, a fragmentação social e geográfica da cidade de São Paulo. Esses três fragmentos nos levam pela estrada para dentro de São Paulo e os veículos dos quais se utilizam os personagens informam a condição socioeconômica de cada um. Pela mesma rodovia, em “A Caminho”, o motorista que ignora os dois homens e o menino do fragmento “De cor”, chega a São Paulo em seu potente carro, com volante de couro. O carro denota sua posição social superior de alta burguesia. Os personagens de “De Cor”, que estão à margem tanto da rodovia quanto da sociedade, chegam à cidade à pé, “*Tem dez anos que vou a pé. Uma economia danada no fim do mês*” (16). Andar a pé os posiciona nas camadas sociais subalternas. Esses personagens também dividem a mesma estrada com a senhora idosa de “Mãe”, que viaja dentro de um ônibus, veículo que indica a condição remediada da classe média brasileira. Embora todos estejam a caminho da mesma cidade, suas existências são ignoradas uns pelos outros. As barreiras de suas “bolhas” sociais, impedem a interação entre eles. A cidade são as relações que nela se dão, assim, ao mostrá-la fragmentada, a obra representa a cidadania brasileira como a define Valente (2001), uma cidadania baseada em práticas sociais discriminatórias e excludentes que dominam um país caracterizado por vasta disparidade socioeconômica. Ruffato representa uma cidade doente, sem aspiração à comunidade, à troca, ao respeito e à justiça.

O jovem rico de “A Caminho” desfila sua arrogância e certeza de impunidade, ao mesmo tempo em que ignora e desrespeita os leões de chácara e as prostitutas que já

“quebrou”, assim como as máquinas de escrever dos delegados que seu pai subornou, pois apesar de ser um “babaca cocainômano” (14), o rapaz é filho de um figurão e, portanto, não é preso pelos delitos que comete. O narrador de “A Caminho” trabalha para o dono da empresa e “[H]á dois anos ganha dinheiro pro... há um ano cuida do caixa-dois da corretora” (15). O que salta aos olhos em “A Caminho” é a certeza da impunidade. A alta burguesia manipula a lei a seu favor, enquanto os subalternos, como no fragmento “Rua”, apesar de, teoricamente, terem direitos, são desencorajados a exercê-lo. A disparidade no tratamento que a lei dá às classes média e alta, privilegiando-as, revela o caráter disjuntivo e diferenciado (Holston 2008) da democracia brasileira.

Em contraposição à “A Caminho”, temos “Rua”. Este fragmento narra a trajetória decadente de um velho, antes porteiro de um prédio, agora mendigo. Ao fazer seu trabalho impedindo a entrada de Jerê, “o encenqueiro que o síndico proibiu” (149), sua decadência socioeconômica tem início porque desafia o *status quo*. Em meio à briga, o porteiro, agredido fisicamente, vai à delegacia e registra um boletim de ocorrência. Ao fazê-lo, é desencorajado pelo delegado: “... registrou um B.O., o Raimundo não foi, medo de perder o emprego, o delegado avisou, Vai dar em nada, o rapaz é de família, tem dinheiro. E nenhuma testemunha a seu favor, nenhuma” (150). Depois do ocorrido, o porteiro ganha as ruas. A falta de emprego o destitui de *status* e a sua descrição física, “...barba nojenta, fios brancos e negros entrelaçados, côdeas de pão e caroços de arroz, a camisa de malha branca esburacada, cor indefinida, calça jeans amarrada a cinto com um pedaço de corda, sapatos desbeijados, uma sacola de papel de butique agarrada à mão esquerda, unhas negras” (145) revela sua condição de exclusão, de abjeção perante a sociedade. Se “A Caminho” sugeria a trajetória como um deslocamento ascendente,

“Rua” descreve a transiência como um ponto final. A rua não é mais um caminho que pode ser percorrido e sim o ponto final.

A decadência dos personagens de *Eles eram muitos cavalos*, que são quem compõem a cidade, a exemplo do velho de “Rua”, é concomitante ao desmoronar da infra-estrutura urbana registrada no fragmento “Assim:”. No fragmento, o personagem, pertencente à elite, sobrevoa a cidade de São Paulo. Este, ao comentar o declínio da cidade, “*irreconhecível o centro da cidade hordas de camelôs batedores de carteira homens-sanduíche cheiro de urina cheiro de óleo saturado cheiro de a mão os cabelos ralos percorre (minha mãe punha luvas, chapéu, eu menino, pequenininho mesmo, corria na)* este é o país do futuro? deus é brasileiro? onde ontem um manancial hoje uma favela onde ontem uma escola hoje uma cadeia...” (40), desvela seu desejo de reinventar o projeto de urbanização que quer eliminar os sujeitos indesejáveis, abjetos, como o velho mendigo de “Rua”. Nas palavras de Lehnen (2007), ele “observa a cidade como se fosse um corpo infectado pela enfermidade da miséria... a cidade contaminada pela presença de “outros” étnicos e sociais...” (85). O personagem transita no helicóptero para certificar-se que não confrontará a realidade de perto, ao mesmo tempo em que afirma não querer contato com os “outros”, a quem culpa pelo caos urbano e pela paisagem violenta que faz a cidade “*feia tão suja tão perigosa*” (39)⁷⁰.

A necessidade de se criar um novo projeto de urbanização, como o personagem de “Assim:” almeja, “*precisaríamos reinventar uma civilização*” (40) se deve ao fato de que São Paulo é ainda uma cidade em construção, pois uma cidade onde não se vê o acesso à cidadania e justiça para todos, não pode ser uma *polis*, uma cidade definitiva. Nas palavras de Ruffato:

⁷⁰ Grifo do autor.

“Há 500 anos estamos tentando construir alguma coisa e se a gente pensar como é que ela vai sendo construída, quer dizer, ela vai sendo construída inicialmente com o embate, uma dizimação de índios, depois com a escravidão, depois com a imigração da Europa pra cá, dos japoneses, pra cá, quer dizer, é uma cidade que ainda está se inventando, ela tá sendo construída...”

Como lembra o autor, o início da civilização brasileira se inicia com o extermínio do “outro” sociocultural e esse padrão se mantém sob os vários formatos de exclusão social e distanciamento geográfico e cultural desse “outros”. A exemplo dessa necessidade de diferenciação e distanciamento, no dia 14 de maio de 2011, na cidade de São Paulo, mais especificamente no bairro Higienópolis, deu-se protesto popular contra o cancelamento de uma estação de metrô na esquina da Rua Sergipe e da Avenida Angélica, bairro repleto de prédios de luxo onde residem pessoas de classe alta. O protesto se deu em forma de um churrasco chamado “Churrasco da Gente Diferenciada”. O nome do protesto teve origem a partir do depoimento de uma moradora da região, contrária à construção da linha do metrô, que disse: “Eu não uso metrô e não usaria. Isso vai acabar com a tradição do bairro. Você já viu o tipo de gente que fica ao redor das estações do metrô? Drogados, mendigos, uma **gente diferenciada...**”⁷¹. A desaprovação da elite para a construção do metrô se dá por vários motivos, sendo o primeiro deles, como revela o depoimento da moradora, o fato de ter que conviver com a “gente diferenciada” que pasará a “contaminar” a nobre tradição do bairro, que, como o próprio nome mostra, “Higienópolis” ou “cidade-higiene” não pode abrigar os “outros”.

⁷¹ Depoimento da psicóloga Guiomar Ferreira, 55, que trabalha e mora no bairro há 25 anos à Folha Online. Matéria publicada em 13/08/2010, intitulada “Moradores de Higienópolis, em SP, se mobilizam contra estação de metrô”, por James Cimino. Em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/782354-moradores-de-higienopolis-em-sp-se-mobilizam-contr-estacao-de-metro.shtml>. Grifo meu.

A vida real está repleta de casos de discriminação que são representados na ficção de Ruffato. Outro exemplo de exclusão social é a não participação de muitos na arena do consumo. Ao longo da narrativa de *Eles eram muitos cavalos*, deparamo-nos com uma cidade, que nas palavras de Harrison (2005), é “ruthlessly all-consuming in a society dominated by consumerism...” (160). A sociedade é, dessa maneira, composta por cidadãos percebidos como consumidores em potencial, como postula a teoria do cidadão como consumidor de García-Canclini (2001), na qual, como vimos no capítulo II, o sujeito contemporâneo é altamente influenciado pelo comportamento consumista impulsionado pelo “capitalismo tardio” (Jameson 1991). Nessa teoria, o exercício da cidadania “has always been associated with the capacity to appropriate commodities and with ways of using them” (García-Canclini 2001, 15). Ser cidadão significa, assim, ser capaz de consumir e manipular bens de consumo. Regina Dalcastagné percebe que, em *Eles eram muitos cavalos*, quase todas as histórias “situam seus protagonistas a partir daquilo que eles consomem, do que sonham consumir e mesmo do que não poderão consumir jamais”⁷². A obra de Ruffato, dessa forma, ao nos apresentar personagens sem agência social na arena do consumo, situa-nos em ambientes de plena cidadania e abundância material, como no fragmento “Cardápio”, intercalados com espaços de “não-cidadania” exemplificados nos fragmentos “Ratos”, “Fraldas” e “Brabeza”.

“Cardápio” mostra um típico jantar da classe média alta, onde abundam as opções de alimentos listados nas etapas dessa refeição, como “coquetel”, “entrada”, “prato principal” e “sobremesa”. O fragmento revela a fartura a que estão habituadas as classes burguesas, mas também o desperdício do excesso, comportamento encorajado pelo consumerismo:

⁷² Dalcastagné em Harrison (2005, 160).

“ENTRADA

Salada de aspargos fresco com medalhão de lagostas e endívias

Batata rústica com azeite e ervas

Patê com massa folhada e molho de pêras

Torta de shitake e alcaparras

Salmão defumado com panqueca

Ovas de salmão

Sopa francesa gelada de alho-poró

Salmão com molho de agrião e maracujá

PRATO PRINCIPAL

Risoto de endívia com presunto cruzeiro” (153)

Contraposto ao excesso de “Cardápio”, “Ratos” nos apresenta a desesperança dos personagens “menos humanos”, ou seja, desprovidos de cidadania. A total privação material dos personagens desse fragmento, gente que vive sob “teto de folhas de zinco esburacadas, pelos rombos nas paredes de placas de outdoors” (23) e dividem com ratos o mesmo espaço repleto de imundície e agem semelhantemente mastigando, mordiscando os lixos que compõem o território que habitam. A condição dos personagens do fragmento “Ratos” os desumaniza, ou melhor, animaliza, pois quem não consome não é cidadão e, no caso de “Ratos”, nem mesmo é humano. Os personagens desse fragmento, assim como os ratos, sobrevivem do lixo, dos escombros, dos restos que ninguém mais deseja ou que sobram do excesso do ciclo de consumo. Eles são os despojos da sociedade consumista.

Nos fragmentos analisados, “Cardápio” e “Ratos”, o consumo é usado como parâmetro que estabelece o grau de “cidadania” e o *status* social dos personagens. Os personagens de “Ratos” são resignados e se conformam com sua situação de exclusão frente ao consumo. No entanto, vemos no fragmento a seguir, “Fraldas”, mais um exemplo do caráter disjuntivo da cidadania brasileira onde um homem tem negado o direito de consumir itens básicos como fraldas e leite, que deveriam ser de acesso para todos. Ao invés de poder normalmente comprá-los, o fragmento revela até que ponto o personagem tem que se humilhar para conseguir tais itens. Em “Fraldas”, o homem, cuja esposa acabara de dar à luz um filho tenta encontrar na fila do supermercado, alguém que pagasse pelos pacotes de fralda e pela lata de Leite Ninho que o filho precisava, mas estando por muito tempo em meio às gôndolas levanta nos seguranças a suspeita de furto. Os seguranças que o abordam violentamente ameaçam chamar a polícia. Essa atitude da segurança, denota a discriminação racial, situação maximizada no fragmento através da estratégia de Ruffato em repetir a descrição, que remete à inferioridade do homem acusado de roubar as fraldas, “o negro franzino, ossudo, camisa de malha branca surrada calça jeans imundo tênis de solado gasto...” (57) e a força e superioridade do segurança, que protege as classes superiores, “negro agigantado, espadaúdo, impecável dentro do terno preto” (57). Essa disparidade reforça a desigualdade e a disjunção da cidadania, o “negro franzino”, desempregado, sem apoio do estado, tem seus direitos negados mas é obrigado a responder na justiça por eventuais crimes que venha a cometer, mesmo que em nome da sobrevivência. Ainda que frente à grande necessidade, o homem não rouba e espera conseguir seus produtos com base na boa vontade de alguém que o ajude pagando

pelos produtos, mas essa pessoa não aparece, o que revela o individualismo do sujeito contemporâneo e seu não envolvimento com causas alheias.

Em contrapartida, em “Brabeza”, vemos um homem que, sem a mesma esperança na boa vontade de outrem, rouba pessoas na rua para poder presentear a mãe com um “rádio gravador AM/FM CCE” (44). Sujeitos como o homem do fragmento “Brabeza”, é vítima do estado, que, segundo Lehnen (2007), “preocupado em alcançar certas metas econômicas, resultado da ideologia neoliberal que impera na América Latina hoje em dia, é incapaz de garantir o bem-estar dos cidadãos...” (84). Assim, tendo o estado abandonado os cidadãos, há um incremento no ciclo da violência (Caldeira 2000). Em “Brabeza”, o recurso usado para ser capaz de alcançar seu objetivo de obter o produto é violento, ele assalta pessoas na rua. Para inserir-se na sociedade de consumo ele escolhe uma maneira, ainda que rebelde, de “burlar” a falta de recursos. “Fraldas” e “Brabeza” são dois exemplos de inserção, mesmo que forçosa, ao direito de consumir. A análise mostra que independente do produto ou da ocasião, consumir se constitui numa necessidade da sociedade atual e não dar chances iguais de participação na arena do consumo é, também, violência contra os direitos sociais. A necessidade de participação leva a um ciclo de perpetuação da violência que gera assaltos, ataques e saqueamentos ou, num outro extremo, fome e miséria.

Os sujeitos do “capitalismo tardio” estão tão envolvidos com o consumo que tornam-se a si mesmo em produtos para serem consumidos, como vemos nos fragmentos “Na ponta do dedo (2)”. Nesse fragmento, pessoas se auto-anunciam para consumo, colocando-se à disposição como objetos, ao mesmo tempo em que exigem determinadas características dos outros, como se também os pudessem eleger ou descartar como

produtos de melhor ou pior qualidade: “MARIA APARECIDA- Parda, 28 anos, 1,76 cm, 67 kg, cabelos e olhos castanhos. Secretária, solteira, sem filhos, adora ler. Gosta de quadros, boa conversa e viagens. Deseja conhecer homens cultos, entre 30 e 40 anos, acima de 1,76 cm, solteiros ou descasados, bem resolvidos e íntegros. Dá preferência a europeus” (95). No trecho, a personagem destaca suas qualidades para atrair o “consumidor” e exige produto à altura, para que possam realizar a negociação. Se o produto for importado, “Dá preferência a europeus” (95), melhor negócio ela faz. Dessa forma, *Eles eram muitos cavalos* captura a aura de “inhumaneness” (Harrison 2005, 151) da urbanidade contemporânea, todas as relações estão pautadas no, ou relacionadas ao, ato de consumir ou de produzir.

O mesmo padrão citado acima é percebido no fragmento “ele)”, onde, segundo Lehnen (2007): “as pessoas estão isoladas dentro de espaços delimitados de produção e de consumo...” (81), tal condição é resultado da rápida transformação nos moldes da vida em sociedade. Antes, de configuração rural, agora, sujeita à nova ordem focada na produção econômica, que muda a relação do sujeito contemporâneo com o espaço, o tempo e principalmente como as outras pessoas. Nas palavras do próprio Ruffato, “nós transformamos em 50 anos o Brasil de um país rural num país urbano”. Segundo ele, as pessoas na configuração rural lidavam com o tempo natural, “as pessoas acordam de manhã com sol e vão dormir à noite com o fim do sol, quer dizer, o tempo é marcado, o tempo dele não é dele, quer dizer, pertence ao patrão, pretence à outras pessoas, nunca é o tempo dele. E o que isso causa na cabeça de uma pessoa? Como é que isso desestrutura uma pessoa?”. Enquanto na configuração rural, o tempo é medido naturalmente, no contexto urbano, o tempo é medido pelo trabalho, pela produção.

O desmantelamento da noção de tempo próprio está representada no fragmento “ele)”, onde o homem, “dedos magros tamborilam o teclado, procesos pareceres adendos questionários minutas memoriais de-acordos considerandos demandas litígios pleitos ações causas dependências citações agravos recursos apelações aprazamentos notificações interpelações mas, e o dia? É bonito o dia, é feio? faz frio? faz calor?” (50). Priorizando a lógica capitalista do “time is money”, o homem, em “ele)”, assim como vários outros no livros são anônimos, refletindo a anonimidade e solidão dos moradores da megalópolis brasileiras. O homem de “ele)” perde a noção do que se passa ao seu redor, não sabe nem mesmo se faz calor ou frio, tamanha a carga de trabalho. Seu tempo pertence em primeiro lugar ao patrão, depois ao trabalho em si, e quando sai para fazer sua refeição, “hora do almoço devora um xis-salada da lanchonete da esquina” (51). Não há mais tempo para o convívio familiar ou entre amigos na hora das refeições, que, culturalmente, no Brasil, também costumava ser momento de interação social. Esse escravo do tempo, rende-se, pois, apesar de querer “mandar tudo à...” (51) precisa se conformar a essa rotina pois “a mensalidade do curso de informática, as prestações do aparelho de dentes, o presentinho para o dia das mães, o cedê prometido à irmã caçula...” (51). A esse homem aparentemente da classe média, não bastasse as obrigações financeiras, ainda precisa se conformar à lógica consumista das propagandas, como o dia das mães que como outras datas comemorativas perdem seu valor sentimental e assumem um caráter mercadológico, estimulando as pessoas ao consumo. O personagem é, assim, segundo Lehnen (2007), “reduzido a uma atividade mecânica que visa maximizar a relação eficaz entre consumo e produção” (81).

Semelhantemente, o personagem de “Trabalho”, assim como o de “ele)”, encontra-se desorientado por causa das preocupações financeiras que o atormentam, situação comum, à classe média brasileira, em constante limitação econômica. O personagem de “Trabalho” desabafa suas frustrações de trabalhador que se vê obrigado, em nome da sobrevivência da família, a ser conivente com um sistema que, apesar de escravizá-lo, não fornece o mínimo de conforto em troca desse trabalho. Assim, ele crê ser melhor a liberdade do que “consentida escravidão, oito horas de suador diário, uma merreca no fim do mês, ô! Preferível atoíce, ao menos pagar não paga para trampar” (99).

A mesma insatisfação e sensação de ameaça à sua integridade física e econômica de classe média é sentida pela mulher de “O que quer uma mulher”. Nesse fragmento, vemos o desejo do casal pela estabilidade do conforto material que o marido, professor, já não pode mais assegurar à família. O fragmento denota a desintegração de um certo conforto “pequeno burguês” (Lehnen 2007) na própria descrição do aspecto físico do casal e de seu pequeno apartamento: “Ajeitando no nariz os óculos de massa preta, a haste esquerda colada com esparadrapo, as lentes de vidro arranhadas, a mulher penetra com vagar na pequena cozinha, dirige-se à pia, destorce com dificuldade a torneira atipoiada com elástico e barbante entrelaçados e lava um copo de requeijão” (25). A vida dessa família, liderada por um trabalhador de classe média (um professor), vê-se cada dia menos confortável, situação que a esposa atribui ao fato de o marido, que lê Foucault e é um “inconformista conformado” (28). Não batasse as preocupações domésticas e econômicas que começam a desestabilizar a vida do casal, a invasão da violência que desestabiliza num âmbito mais amplo a vida em sociedade, também influencia o ambiente

doméstico. Após ter testemunhado um tiroteio ao voltar para casa, a mulher, emocionalmente abalada pela violência que presenciou, percebe-se agindo violentamente em sua discussão com o marido que se torna, nas palavras de Harrison (2005), um “dissonant verbal crossfire” (156). A violência das ruas causa o ápice da violência dentro do ambiente doméstico, já denegrado pela insatisfação econômica da família. Como em “Angu de sangue”, de Marcelino Freire, a violência pública invade o espaço privado, contaminando-o e minando as relações interpessoais no *domus*.

No fragmento “Da última vez”, vemos novamente a derrocada da instituição familiar causada pela débil condição financeira da classe média brasileira. Nesse fragmento, um pai de família, trabalhador da classe média, recorda com nostalgia o momento em que abandonou esposa e filhos. O que ele sentia, “...não era alívio que sentia, nem remorso, era não sei o quê, saudade, talvez,” (133), o que demonstra o sentimento carinhoso que ainda nutre pela família. Ao final do fragmento, temos uma dica do motivo que leva o homem a agir com tal desespero, abandonando a casa: “na sala minúscula do apartamento em que morávamos e que você vivia implicando, dizendo que tínhamos que sair dali, tínhamos que sair dali, sair dali, e eu concordando com você, me matava de trabalhar na firma, mas sempre no vermelho no banco, financiando cheque especial, cartão de crédito” (134). A exemplo do casal de “O que quer uma mulher”, também pertencente à massacrada classe média brasileira, o homem justifica sua saída estratégica de casa através do fato de não ter uma solução para o *status* financeiro que compromete o bem estar da família. O homem procura afastar-se da esposa e filhos, que tornaram-se um fardo pesado demais para ser carregado. Assim, como as família de classe média (que são o termômetro da economia brasileira representadas nos dois

fragmentos supracitados) estão em crise, também está a “família nacional” (Lehnen 2007, 84), devido não somente a falta de dinheiro em si, mas também por outros tipos de violência que se desencadeiam desse ciclo de tormentas socioeconômicas.

A violência em *Eles eram muitos cavalos* não só pretence à falta de estabilidade material das famílias, nem somente às ruas como em “Chacina no 41”, onde, como em muitos casos da vida real, moradores de rua são assassinados⁷³, nem é só uma questão de polícia contra assaltantes. A violência se apresenta também sob o formato de “incivilidade”⁷⁴ (Fontes 2006) que prejudicam o pacto social e as regras de convivência, restando apenas a falta de comunicação e conseqüente alienação social ou o individualismo. Em “Da última vez”, apesar da motivação para o abandono do “barco” que estava por “afundar” devido ao peso da malfadada condição socioeconômica da família, o homem, culpa a intimidade pelo fim da relação: “a intimidade é a morte da relação” (134). A fragilidade do relacionamento fica clara desde o princípio, pois o homem, da última vez que se desentendeu com a mulher pegou as suas coisas, “(eu tinha uma bolsa de couro preparada, camisas, calças, cuecas, meias, escovas de dente, pasta de dente, fio dental, toalha, sabonete... enfim, tudo o que um homem precisa para morar sozinho por uns tempos... ou pela vida inteira...)” (133). O fato de ter uma mala previamente arrumada para abandonar a família, demonstra sua falta de pré-disposição ao diálogo. A primeira coisa que pensa e faz é fugir. A estória sinaliza assim, a fragilidade e superficialidade das relações interpessoais, desta vez no âmbito privado.

⁷³ Haja vista o ocorrido em 15 de maio de 2011, quando dois mendigos foram envenenados na região da Pampulha, em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais, como informa artigo do site http://www.ihu.unisinos.br/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=43394.

⁷⁴ “Incivilidades” caracterizam-se pela falta de respeito e tipos mais leves de violência que podem ser a porta de entrada para outros tipos de violências mais sérias (Abramovich e Avancini [2002]).

A mesma alienação social impede a amizade que poderia ter nascido entre os personagens de “Nós poderíamos ter sido grandes amigos”. Aqui, um homem imagina como poderia ter sido a amizade entre a sua família e a de um vizinho a quem jamais dirigiu a palavra. Embora moradores do mesmo prédio, apesar de utilizarem o mesmo elevador e a mesma garagem diariamente, eles nunca interagiram. O fragmento, quase todo narrado no tempo pretérito, indicando a impossibilidade de volta no tempo, deixa claro o arrependimento do narrador. Mas esse sentimento o sobreveio tarde demais, pois, “Hoje soube que ele não vai mais voltar para casa. Ele foi vítima de um sequestro relâmpago... o corpo foi encontrado hoje de manhã. O carro ainda não.” (49). Demasiadamente envolvidos com seus respectivos trabalhos e afazeres, essas duas pessoas, apesar de tão próximas fisicamente, se deixaram isolar e se alienaram do grupo que poderiam ter formado em nome da individualidade imposta pelo “selvagerismo” promovido nas vidas dos cidadãos contemporâneos, pelo capitalismo predatório, que modifica as relações sociais, pautadas mais na competição do que no cooperativismo. Ao mesmo tempo, esta falta de comunicação entre os dois nos sugere a incivilidade que vitima o vizinho. Não há entendimento possível na metrópole que está fraturada não somente pela violência social, mas também pela alienação individual.

A violência não só atinge relacionamentos entre adultos, mas também atinge ambientes da infância, momento em que o caráter do futuro habitante da *urbe* está sendo formado. No fragmento “Natureza Morta”, a professora e as crianças encontram a escola e a horta depredadas, com trechos sinalizando que a invasão foi motivada pelo uso de drogas, “...pichações ininteligíveis, uma garrafa de Coca-Cola cheia de mijo, um cachimbo improvisado de crack— a capa de uma caneta Bic espetada lateralmente num

frasco de Yakult” (33). A escola, espaço de formação da cidadania é também contaminada pela violência. Onde deveria haver cuidados extremos de segurança e proteção à infância, encontramos vandalismo e depredação. Os próprios objetos usados para o consumo de drogas conotam a interrupção da infância, ou da juventude. A caneta BIC, usada nos deveres escolares e o frasco de Yakult, comida consumida por crianças são desecrados pelo seu uso abjeto. A abjeção é ressaltada pelo conteúdo da garrafa de Coca-Cola.

Ruffato dá continuidade na representação dos tipos de violência à que as crianças estão sujeitas em seu romance. Dentre elas, a exploração do trabalho infantil⁷⁵ e o abuso sexual de menores. No fragmento “De cor”, um menino “tem dez-doze anos” (16) e “... largou a escola, vende cachorro quente — com molho de tomate ou de maionese—e Coca-Cola em frente à firma onde o pai trabalha” (16). Diante da necessidade financeira, o menino, inteligente: “Esse aí, ó, vale ouro, diz orgulhoso o pai... É de uma inteligência!” (16), não está na escola. Também devido ao fracasso do projeto social brasileiro, que gera a discrepante realidade socioeconômica, uma criança tem seu futuro prejudicado por ter que trabalhar enquanto é tempo de estudar, isso representa uma violência contra os direitos da infância, o que também ocorre no fragmento “Noite”, onde uma menina “aposto nem quinze anos ainda” (131) vende drops pelas ruas da cidade, exposta a outros perigos que a noite oferece como a exploração sexual de menores do qual também é vítima a criança de “Paraíso”. Nesse fragmento, cujo título ironicamente fala de um paraíso perverso, o menino é mantido preso em um apartamento à disposição de um alemão, Gunther, que de vez em quando adverte, “amanhã tem trabalho chega com

⁷⁵ Trabalho infantil no Brasil cai pouco e ainda há 1,2 milhão de crianças vítimas de exploração. Estatística da PNDA apresentada no site <http://noticias.uol.com.br/especiais/pnad/ultnot/2008/09/18/ult6843u1.jhtm> em 18/09/2008.

uns amigos e umas mulheres e umas meninas, nem peito ainda, cheiram cocaina, bebem, arrancam as roupas, os gringos fotografam, filmam elas se roçando, se lambendo, o Alemão e o menino mandam brasa, revezam-se,” (67). Para o menino apesar dos sérios abusos físicos e psicológicos impostos pela reclusão ao apartamento, esse tipo de maltrato ainda é preferível aos tipos mais diversos de violência que os menores “de rua” sofrem à mercê dos “... manos doidos de crack, aguardava os encapuzados que pisam manso e descem o porrete, os boyzinhos que encharcam de álcool e tacam fogo” (67). Frente à tanta violência que sofreria se estivesse nas ruas, o apartamento do gringo para ele “é como se o paraíso” (66), onde pelo menos não vai morrer de pancadas ou de fome, “porque o Alemão bem que cuida, quentinhas no almoço, no jantar, sempre sobra” (67). O menino de “Paraíso” chega a ter sorte melhor que a menina de “Noite” que come vez sim, vez não, somente quando alguém de boa vontade a leva e então “...devora quibes (dois), esfirras (duas), beirute (um), pizza (três pedaços)” (132). O homem que ajuda a menina o faz por sentir-se culpado, então, para sentir-se menos inútil, coloca um “esparadrapo” sobre essa “ferida social” que se insinua à sua frente, apesar de saber que atos de boa vontade como o dele nada resolvem a situação precária de meninas que vendem drops como Marina, ou mesmo a de tantos outros seres à deriva social que habitam as ruas da cidade. Abandono, fome, exploração sexual, são os vários tipos de violência contra menores que ampliam o cenário distópico da urbanidade representada na obra de Ruffato.

A preocupação em abordar o tema da exploração de mão de obra infantil passou a ser pautado nas discussões sobre economia após ter sido detectado como fator impeditivo do progresso econômico (Kassouf 2007). Percebe-se assim, que o interesse nesses

sujeitos subalternos, só se dá após a percepção de que manter crianças trabalhando, ao invés de educá-las para a cidadania e participação econômica do futuro, prejudica a economia do país. Embora assuma a aparência de um discurso pelos direitos sociais, a discussão sobre o abandono e o trabalho infantil se pauta nos moldes do cidadão como ou produtor, ou consumidor. Assim sendo, os menores supracitados se inserem no ciclo mercadológico de forma marginal e/ou abjeta.

Além dos tipos de violência contra menores citados acima, observa-se que o mal da exploração da mão de obra infantil, persiste em nossa sociedade ainda hoje. Boa parte da culpa por esse mal advém da impossibilidade de famílias assalariadas não conseguirem se manter necessitando assim, da ajuda das crianças na composição da renda familiar. O trabalho infantil priva a criança de atividades próprias para seu desenvolvimento pessoal (como a escola) e quando atingem a fase adulta, perpetuam o quadro de pobreza por não estarem preparadas para se inserir no mercado de trabalho. Estima-se que ainda existam quase três milhões de crianças e jovens de cinco a 15 anos trabalhando no Brasil.⁷⁶ Assim, sendo o mais importante a sobrevivência da família, o menino do fragmento de “De cor”, resignado, acompanha o pai e trabalha sem se queixar. Mas não esquece de sonhar em um dia ser caminhoneiro: “Quando crescer, perder-se Brasil afora, sonha, caminhoneiro” (16). A esperança através do trabalho de caminhoneiro, que se move constantemente por todo o país, indica vontade de fugir da condição socioeconômica que o limita, conforme Harrison (2005), “mobility is a survival tactic that either tries to counter exclusion or indicates escape” (158). A vontade de escapar da sina a que vê submetido o pai e sua família, faz o menino sonhar e o sonho denota esperança.

⁷⁶ Dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2005. (Kassouf 2007)

Há desejo de vencer no menino de “De Cor” e, apesar de Ruffato representar em sua obra uma cidadania maculada pela injustiça social, ele também nos apresenta outras “ilhas de esperança”, a exemplo, o otimismo do motorista do fragmento “Táxi”, que em seu monólogo, apesar de reconhecer os problemas da cidade, o trânsito constantemente engarrafado, os altos e baixos da economia e a falta de oportunidades de emprego, reconhece que “... não posso reclamar não. São Paulo, uma mãe para mim” (91) e parece que tem tratado bem a terceira geração desse homem, pois, seu neto, João Paulo “ganhou outro dia uma olimpíada de matemática” (95), indicando, talvez com certa ironia por parte do autor, se não a crença no sucesso através do esforço pessoal, a confiança na justiça social e na cidadania. Há também outros momentos de alívio e paz em *Eles eram muitos cavalos*, como no fragmento “A menina” no qual, apesar da simplicidade da condição econômica da família, sente-se amada e protegida pelos pais. O pai, mesmo ao vê-la pouco, ela “sabe, no entanto, que no negror do quarto, ele aproxima os lábios de seu rosto, ajeita o cobertor, suspira” (82). Sente-se protegida pela comunidade também, “antes de pegar o ônibus que a deixa na escola, onde cursa a segunda série, vinte minutos espremida ao alcance dos olhos do motorista, que a conhece e protege” (82). Existem boas expectativas mesmo em meio à maioria de representações de uma cidadania decadente, desmantelada, de anomia pessoal e social, de injustiça socioeconômica e cultural e principalmente violência (seja ela física ou simbólica). Essas questões desafiam o teor da vida urbana, a sociabilidade, igualdade de direitos (se entendemos que vivemos já há 25 anos ininterruptos de democracia) e o sentido de comunidade. São Paulo, nessa obra reúne em si todo o processo de mudanças sociopolíticas e econômicas pelo qual passou o Brasil nas últimas décadas.

Ruffato resume com a página em negro toda a gravidade e o sem fim da opressão que atinge a cidadania no contexto em que está representada na obra. Essa página simboliza o silêncio e a inércia da comunidade frente ao quadro social de injustiça e falta de solidariedade. O diálogo final do romance (onde há uma pessoa gemendo na porta da casa de um casal possivelmente ferida e precisando de ajuda), acentua a proposta do projeto literário de Ruffato. Em suas próprias palavras, “... não tô te propondo fazer alguma coisa, eu tô só perguntando, nós vamos fazer alguma coisa? E pra mim, se houvesse alguma mensagem seria essa, quer dizer, uma proposta de reflexão, não é nem uma proposta de ação, é uma proposta de reflexão...”. Mas o final do diálogo, “Vai.. vira pro canto... vira pro canto e dorme... Amanhã a gente vê... Amanhã a gente fica sabendo... Dorme... vai...}” (158). Percebemos afinal que, o medo da violência, ou seja, o medo de ser atingido por ela, faz com que a interação social se anule. Mas se a cidade são as pessoas e as relações que entre elas se dão, *Eles eram muitos cavalos* narra uma São Paulo moribunda, necessitada de um novo projeto de urbanização que repense as consequências maléficas que atingiram a vida em sociedade.

Ruffato usa a degradação, a ruína e o fragmento para simbolizar as relações interpessoais, sejam no âmbito familiar ou social deflagrando o esmorecimento da urbanidade, que conforme Hossne (2007) é definida como “a qualidade de urbano e como civilidade, cortesia, afabilidade. Urbano, por sua vez, é relativo ou referente à cidade e, no sentido figurado, significa cortês, afável, civilizado. Urbanizar, portanto, significa tornar urbano e ao mesmo tempo, civilizar, polir” (19). Em *Eles eram muitos cavalos*, o que se percebe em geral é o extremo oposto do ato urbanizador. A literatura de Ruffato, assim, é um instrumento social que nos alerta para as tragédias sociais que nos rodeiam e

que, talvez habituados aos caos, não mais nos saltam aos olhos. Ruffato dá voz a essas vozes silenciadas pelo caos urbano e trás à tona um conclamamento em favor de um sistema social mais homogêneo e que permita haver nos centros urbanos mais cidadãos e menos seres à deriva social.

Ruffato, assim, usa a ficção para narrar, descrever e criticar diferenças socioeconômicas promovendo através de sua obra, o questionamento por parte do leitor sobre agência e pertencimento social e direitos da cidadania. Na obra de Ruffato, assim como na de Freire a cidade aparece como um elemento desagregador e que promove a violência no nível material e simbólico. Tal representação mostra a violência como elemento que promove tensões sociais modificando também a paisagem urbana e social da metrópole.

Conclusão

Nesta tese analisei três obras literárias brasileiras contemporâneas que representam as classes sociais subalternas e a experiência do relacionamento social entre sujeitos subalternos e pessoas pertencentes à elite social. Como vimos, os sujeitos subalternos são os que mais experimentam prejuízos sociais e econômicos advindos da disparidade entre as classes sociais e da quebra do contrato social pelo Estado brasileiro. Tal quebra de contrato social priva os subalternos de direitos primordiais como moradia, saúde, educação e poder de consumo.

As representações literárias mostradas na presente tese são ambientadas em um espaço de anomia social, violência (seja ela material ou simbólica) e de fragmentação geográfica e social. Tais fatores causam uma mudança negativa na paisagem urbana por explicitar o preconceito e a intolerância da convivência entre a elite e os subalternos. Sobretudo, a democracia disjuntiva, contexto no qual se insere a cidadania brasileira, gera violência no trato entre os “verdadeiros” cidadãos⁷⁷ e os subalternos (que do Estado recebem punição além de não terem seus direitos sociais e civis garantidos). O resultado de tal injustiça social são, como vimos na análise de cada capítulo, muitas vezes, atitudes insurgentes⁷⁸ por parte dos subalternos. Esses, de maneira rebelde e, por vezes, violentas, buscam exercer sua cidadania e agência social, conquistando por si mesmos o que lhes foi negado pela sociedade. No capítulo I, os personagens de Freire sequestram, assaltam e matam, como forma de suprir a carência por dinheiro e outros bens que lhes garantam seu sustento e o da família. Os personagens de Maia, no capítulo II, deixam morrer ou matam

⁷⁷ Ou seja, a elite que goza de pleno exercício da cidadania.

⁷⁸ Prática de assaltos, sequestros, pequenos furtos e também assassinatos.

para assegurar a sobrevivência tanto física como material, revelando-se não uma obra exclusivamente bizarra, mas de crítica ao contexto sociopolítico e econômico do Brasil. Na obra de Ruffato, assim como na de Freire, roubos são também o escape da privação material pelas quais passa seus personagens. Mesmo diante da agressividade e violência desses personagens insurgentes, questiono-me se essa é mesmo o tipo de violência mais grave encontrada nas representações. Parece-me que acima de toda a violência física, a mais relevante é a violência social que causa todo tipo de privação dos subalternos e que é negligenciada pela sociedade. Junto à violência física, fica evidente também em cada obra analisada, a perda da sociabilidade e a marcante presença da intolerância e do preconceito, fatores esses que descortinam a anomia social nas relações urbanas da contemporaneidade.

Como ponto de partida para a análise das obras observei a trajetória sociopolítica e econômica do Brasil no início do processo de maior industrialização e expansão urbana de grandes cidades brasileiras até o momento atual, ou seja, o ano de 2011. Dessa trajetória sociopolítica e econômica, conclui-se que o Estado brasileiro e suas medidas (ou falta de) para assegurar cidadania plena a todos os grupos e classes sociais brasileiras vem falhando. O Estado continua a manter o foco desenvolvimentista de maneira a privilegiar a elite e seus lucros exorbitantes enquanto uma camada subalterna sofre as consequências sociais e econômicas dos mal-passos dados pelo governo.

Essa diferenciação no tratamento dado aos interesses das diferentes classes sociais, em si, constituem uma violência contra a democracia e a cidadania. A política neoliberal que vem sendo praticada no Brasil desde os anos 80, vem gerando desemprego e extrema pobreza na vida dos subalternos enquanto privilegia a elite. Essa disparidade

socioeconômica, que parece justificar a violência das ações dos personagens representada nas obras, se revela através da fome, da falta de acesso a bens e produtos, da falta de saúde e condições de moradia que marcam a representação literária do cotidiano das classes subalternas feita por Freire, Maia e Ruffato.

A discussão sobre as causas e consequências da violência urbana nas representações literárias foi feita à luz de teorias sociológicas e antropológicas de Agamben (1998), sobre os *homine sacri*, seres sujeitos à punição do Estado, mas que dentro do mesmo não usufruem de direitos políticos, sociais ou civis. O termo *homo sacer* está relacionado ao conceito de subalternidade de Spivak (1998), que também define seres sem voz, sem agência social e, portanto, sem cidadania. Bauman (2004) e seu conceito de *wasted human* também compôs a descrição dos personagens das representações dos três autores mencionados na tese devido à sua marginalidade perante a sociedade. No capítulo I, os *homine sacri* de Freire são assaltantes, sequestradores e “trombadinhas”⁷⁹ que anseiam por agência social e bens materiais enquanto Maia, no capítulo II nos apresenta *wasted humans*, subalternos pertencentes à escoria social, sujeitos cujas vidas são coordenadas pela violência. No capítulo III, em contraste com os dois anteriores, a “subalternidade” extrapola as classes sociais dos muito débeis em termos sociais e econômicos e abrange a classe média, que a cada dia perde em termos de conforto, estagnada socioeconomicamente. Os três capítulos não se dedicam à exposição de problemas sociológicos, mas nos apresentam personagens em situações limite, sem controle sobre os problemas que os atinge, que buscam desesperadamente uma forma de escape, culminando em apatia ou em ações violentas.

⁷⁹ Menores que, muitas vezes em grupos, assaltam os transeuntes.

Os estudos de Caldeira (2000) e Holston (2008) sobre a esfera pública fragmentada pela violência e pelo medo do crime (sempre atrelado aos subalternos pelo discurso dominante), e sobre a democracia brasileira disjuntiva e/ou diferenciada no conceito de Holston, serviram para descrever, no cenário das representações literárias, as várias formas de injustiça social experimentadas pelos subalternos.

As teorias de Jameson (1991), García-Canclini (2000) e Bauman (2007) sobre a nova ordem social que cobra uma postura mais consumista daqueles que querem participar da sociedade contemporânea sob a tutela de “verdadeiros cidadãos” (da qual nem todas as classes sociais podem participar), mais uma vez segregando os subalternos, também formaram o alicerce teórico desta tese. Como vimos, muitas das atitudes violentas dos personagens foram motivadas pelo desejo de exercer o consumo. No capítulo I, o desejo de um dos personagens subalternos obter o belo *Rolex*, impulsiona o assaltante, que se sentia injustiçado por não poder tê-lo. No capítulo II, a posse de objetos opera um simulacro de ascensão social na existência suburbana dos amigos Edgar e Gerson. No capítulo III, o consumo se atrela a ordem vigente da sociedade não mais de cidadãos, mas de produtores e consumidores.

No primeiro capítulo analisei dois contos da coletânea *Angu de Sangue* (2000), “Angu de sangue” e “J.C.J.” e outros dois contos da coletânea *Contos Negreiros* (2005), “Solar dos Príncipes” e “Esquece” todos de autoria de Marcelino Freire. Nesse capítulo intitulado “As fontes da discriminação e do medo- relações entre classes na esfera pública brasileira representadas nos contos de Marcelino Freire” analisei, em um contexto de exclusão social e conseqüente falta de acesso à plena cidadania, o comportamento dos personagens por vezes violentos e o que essas atitudes contundentes nos dizem sobre a

vida urbana no Brasil. Após a análise conclui-se que Freire retrata o espaço urbano como um lugar fragmentado social e geograficamente, não sendo, portanto, um espaço aglutinador e que promova a igualdade de participação social e sim de intolerância e suspeita da elite contra os subalternos e também desses contra as classes burguesas. Na representação de Freire sobre a convivência entre classes sociais distintas, vemos pouco contato entre essas classes, mas quando se dão, caracterizam-se por encontros violentos. Não há comunicação entre eles, o que torna a sociabilidade impossível, também por causa da discriminação contra os subalternos, classificados como perigosos. No entanto, ao final da análise dos quatro contos, percebemos que as vítimas da violência urbana são tantos os subalternos, que sofrem violência simbólica e social imposta pela sociedade, quanto as classes sociais média e alta, por causa da sua abundância material, alvo de cobiça. Não há sentido para a vida urbana nessa representação, que a mostra sob a forma de anomia social. A cidadania no contexto da obra de Freire, expõe duas categorias binárias de sujeitos; a elite que desfruta de pleno acesso à cidadania, ou seja, goza da proteção da lei, dos direitos sociais e civis e de condição financeira que permite participação na arena do consumo, condição esta que, na presente configuração sociopolítica e econômica do Brasil, os permite serem nomeados “cidadãos”, contrapostos aos subalternos. Vimos nos contos, que aqueles que não têm *status* de cidadão, encontram maneiras insurgentes e por vezes violentas (como roubar, sequestrar e matar) para forçar sua agência social. A escrita de Freire, de certa forma, se compromete com a mudança do quadro de várias formas de violência observada na sociedade brasileira através da sua vontade de “vingar-se” através de sua escrita. Em entrevista concedida a Chico Lopes no site *Verdes Trigos*⁸⁰ o autor diz: “Eu quero me

⁸⁰ http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_lista.asp?autor=376

vingar. Vingar-me de uma dor, uma tristeza, de um aperreio. Eu quero fazer alguma coisa. Mesmo sem saber que ‘coisa’ é essa... Essa coisa que de quando em vez, vem me apertar o peito. Sei lá”. Parece que, mesmo sem intenção explícita, Freire faz de sua escrita uma maneira de expôr a gravidade da fragmentação e da desigualdade social no Brasil bem como suas consequências para a cidadania.

No segundo capítulo, analisei a novela “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” extraída do romance homônimo *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2010) de Ana Paula Maia. No capítulo, intitulado “Sobre porcos, cães e homens: violência e negação de cidadania em *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* de Ana Paula Maia”, analisei a representação da cidadania (ou a não existência de direitos e deveres que compõem a mesma) e como os personagens que não podem desfrutar da sua proteção, tentam alcançá-la, mesmo através de métodos pouco ortodoxos, na verdade, quase desumanos. Por exemplo, os personagens são capazes, em nome da sobrevivência, de arrancar órgãos humanos com faquinhas sem serra ou colheres. O capítulo indagou, assim, se, em determinadas condições na sociedade ou individualmente, ainda existe espaço para se falar em cidadania (habilidade individual de desfrutar de direitos e deveres sociais, civis e políticos) ou mesmo, se a cidadania é um conceito aceitável no contexto da obra. Em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” se passa no subúrbio e seus personagens pertencem todos à camada subalterna da sociedade. Estes, portanto, estão isolados da convivência e do conhecimento da elite porque, devido à sua abjeção, tornam-se invisíveis para o seu olhar, o que se espelha, por vez no seu isolamento geográfico. Enquanto no capítulo I, a violência se dá a partir dos encontros entre as classes sociais distintas, na obra de Maia, a violência tem caráter “ontológico”, ela surge

de dentro do ser e da necessidade de conquistar ítems extremamente básicos para a sobrevivência, como um órgão do corpo humano. Como obra neo-naturalista que é, a novela mostra a sobrevivência dos mais fortes, que melhor se adaptam ao meio, sobre os mais débeis. O único sentido que se dá para a vida em sociedade em “Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos” é o instinto de seguir caminhando e enfrentando o que vier para atingir esse objetivo mínimo de sobreviver e, se der, conquistar melhor *status*, ainda que isto signifique neste contexto apenas destacar-se dos demais pela posse de alguns objetos. Nessa caminhada, as vidas humanas não são mais que moedas de troca ou objetos, que denunciam uma existência anômica, na maioria das vezes, sem empatia pela causa alheia. Maia, conforme entrevista concedida a mim em Janeiro de 2011, ao contrário de Freire e Ruffato, diz não ter preocupação em fazer crítica social através de seu trabalho literário. Segundo ela, o que ela faz é colocar-se no lugar do outro e questionar-se, “e se...?”. Desta forma, ainda que livre de intenções críticas, a autora termina por contribuir com uma forma de escrita que faz reflexão sobre os problemas sociais das pessoas que não enxergamos socialmente, como os abatedores de porcos, desentupidores de esgoto, lixeiros e outros profissionais (todos pertencentes à classe social subalterna, sem exceção) que lidam com dejetos, sangue e outras sujeiras das quais procuramos nos manter distantes. A autora deixa claro que, em nome da sobrevivência, vale tudo, até mesmo comer o rim do próprio filho.

A obra *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato, analisada no capítulo III, “Escombros da ‘terra da garoa’”, investiguei, dando continuidade à temática também presente nos capítulos I e II, a representação do cotidiano de pessoas que compõem uma massa anômica e as relações entre elas. De forma geral, procurei discutir como a obra de

Ruffato representa a configuração urbana da contemporaneidade numa narrativa que explora os acontecimentos durante um dia na cidade de São Paulo. Ruffato representa em sua obra, um espaço urbano não apenas fragmentado social e geograficamente, mas também em ruínas, degradado e violento como vimos na análise. Tal fragmentação é atribuída, ficcionalmente, à disparidade socioeconômica que gera conflitos entre classes. A sociabilidade, como vimos, muitas vezes fracassa ou é interrompida pois a sociedade está representada em três camadas sociais isoladas que não se encontram ou interagem. Enquanto Freire representa os seres que se entrecruzam no espaço urbano como pertencentes a duas categorias marcadas e opostas, a elite e os subalternos, Ruffato nos apresenta a (não) relação entre a elite, a classe média, os subalternos e também os seres entregues à total deriva social. A estratificação social que Ruffato apresenta denuncia uma cidadania desigual, disjuntiva, onde a elite é privilegiada, as classes médias perdem seu prestígio social e seu conforto devido à sua limitação socioeconômica, enquanto os subalternos são deixados com a opção de insurgirem-se, de rebelarem-se contra a ordem social vigente, para acessar melhores oportunidades de agência social. A violência, na obra, não somente atinge o ambiente público, mas também os espaços domésticos, ambientes familiares, bem como o da infância, onde a cidadania está sendo formada. Ao denunciar a estratificação social e seus efeitos para a vida em sociedade, a obra de Ruffato é, propositadamente, uma forma de protesto contra a injustiça social. Através da multiplicidade de discursos sociais, que confrontam as “realidades” urbanas, Ruffato nos faz refletir sobre as consequências da injustiça e os prejuízos da mesma para a sociabilidade.

Dialogando com um momento sociopolítico e econômico de crescimento urbano e de sérias crises socioeconômicas que marcaram as décadas de 40 até o presente, com graves consequências para a qualidade da democracia e para a cidadania dos subalternos, os três autores, Freire, Maia e Ruffato, através de um viés socioeconômico, evidenciam sua preocupação com tais temáticas, ou seja, a do espaço urbano transformado pelas práticas neoliberais, que contribuíram para o agravamento da desigualdade social e econômica já existentes no Brasil, a temática da violência urbana sob os aspectos materiais e simbólicos que modificam as relações sociais no espaço urbano que passam a ser caracterizadas pela anomia e a da negação de cidadania a grupos subalternos que insurgem-se contra essa condição.

Dessa forma, a literatura desses autores, representa a vida na sociedade brasileira como injusta e excludente e a cidade como um local de conflitos públicos e/ou pessoais que impedem a sociabilidade plena. No entanto, ao darem voz aos excluídos alcançam uma certa “democracia” e igualdade de direitos para os personagens que nos apresentam, demonstrando ser também uma escrita que reage, intelectualmente, contra o discurso hegemônico perpetuado, por exemplo, pelos órgãos nacionais⁸¹ que atendem aos interesses das elites sociais. Os autores questionam tal discurso ao inverter a ótica das histórias que narram contando-as sobre o ponto de vista do subalterno a exemplo de Freire, ao dar multiplicidade de “vozes sociais” ao seu texto, como faz Ruffato e ao contar a história dos que nada esperam da vida enquanto fazem de tudo para simplesmente sobreviver.

Conclui-se do conteúdo das análises que compuseram a presente tese, que a cidade contemporânea caracteriza-se pela distopia, pela perda, quebra ou, como

⁸¹ Inclui-se aqui a mídia jornalística e televisiva.

mencionado inúmeras vezes, pela fragmentação da sociedade. A ruptura com o humanismo, com o respeito à valores morais, com a sociabilidade, desvela a crise da vida urbana. Ademais, a cidade é representada como um espaço problemático, agravado pelas crises socioeconômicas que atravessam a vida dos seus habitantes. A perda também fica evidente no fracasso social, econômico e individual experimentado pelos personagens subalternos através de seu empobrecimento. A pobreza justifica a violência física que gera roubos, assaltos e fatalidade inaugurando uma série de outros tipos de violência que são causa e consequência da anomia social e da falência da interação social, especialmente entre as classes subalternas e a elite. Vimos, assim, que a violência está impregnada em todas as camadas sociais, não sendo somente pertencente aos espaços subalternos.

Seja de cunho “neo-naturalista”, como a obra de Maia, seja “hiper-realista”, como as de Freire e Ruffato, o que a literatura nos mostra sobre a cidade brasileira é um quadro se caracteriza pela tragédia. No entanto, cada autor à sua maneira, usa a literatura como instrumento de convite à reflexão sobre a realidade social do Brasil. Cabe a cada leitor aceitar o convite e, quem sabe, contribuir para a formação de uma sociedade mais justa.

Referência Bibliográfica

- Abramovay, M. e Avancini, M. F. *Educação e Incivilidade*. Disponível em <http://www.ucb.br/observatório>, 2002.
- Agamben, Giorgio. *State of Exception*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.
- . *Homo Sacer I: Sovereign Power and Bare Life*. Stanford: Stanford UP, 1998.
- Baudrillard, Jean. *The Consumer Society: Myths and Structures*. London: Sage, 1998.
- Bauman, Zygmunt. *Consuming Life*. Cambridge: Polity, 2007.
- . *Liquid Modernity*. Cambridge: Polity, 2000.
- . *Wasted Lives- Modernity and Its Outcasts*. Oxford: Polity, 2004.
- Bittencourt, Luis. "Crime and Violence: Challenges to Democracy in Brazil." *Citizenship in Latin America*. Ed. Joseph S. Tulchin and Meg Ruthenburg. Boulder: Lynne Rienner, 2007. 171- 86.
- Bosi, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Bourdier, Piere. *Distinction: a Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge: Harvard UP, 1984.
- Caldeira, Teresa P.R. *City of Walls: Crime, Segregation, and Citizenship in São Paulo*. Berkeley: U of California P, 2000.
- Cândido, Antônio. "A Nova Narrativa." *A Educação pela Noite e Outros Ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. 210-25.
- Carpinejar, Fabrício. "Um Dia de Cada Vez: Entrevista com Luiz Ruffato". *Zero Hora 2* (March 2002); *Cultura*: 2-3.

- Concha-Eastman, Alberto. "Urban Violence in Latin America and the Caribbean: Dimensions, Explanations, Actions". *Citizens of Fear: Urban Violence in Latin America*. Ed. Susana Rotker. New Brunswick: Rutgers UP, 2002. 37-54.
- Cosson, Rildo. *Romance-Reportagem: o Gênero*. Brasília: UnB, 2001.
- Dalcastagnè, Regina. "Sombras da Cidade: o Espaço na Narrativa Brasileira Contemporânea." *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* 21 (Jan/Jun 2003): 33-53.
- . *Ver e Imaginar o Outro: Alteridade, Desigualdade, Violência na Literatura Brasileira Contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2008.
- Douglas, Mary. *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*. London: Routledge, 1966.
- Durkheim, Emile. *Suicide: A Sociological Study*. New York: Free Press, 1951.
- D'Urso, Luiz Flávio Borges. *A Construção da Cidadania*.
http://www.oabsp.org.br/palavra_presidente/2005/88/. Mar 2011.
- Fontes, Ana Maria Moraes. "Escola e Violência". *Psicanálise, Educação e Transmissão* 6 (2006). Available
 from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032006000100016&lng=en&nrm=abn>. Acessado em 21 de abril de 2011.
- Freire, Marcelino. *Angu de Sangue*. São Paulo: Ateliê, 2000.
- . *Contos Negreiros*. São Paulo: Record, 2005.
- García Canclini, Néstor. *Consumers and Citizens: Globalization and Multicultural Conflicts*. Trans. George Yúdice. Minneapolis: U of Minnesota P, 2001.
- Girard, Rene. *Violence and the Sacred*. Baltimore: Johns Hopkins, 1977.

- Gomes, Renato Cordeiro. “Representações da Cidade na Narrativa Brasileira Pós-Moderna: Esgotamento da Cena Moderna?” *ALCEU* 1.1 (Jul/Dez 2000): 64-74.
- Habermas, Jürgen. *The Social Transformation of the Public Sphere: an Inquiry into a Category of Bourgeois Society*. Trans. Thomas Burger. Cambridge: MIT Press, 1991.
- Harrison, Marguerite Itamar. “‘São Paulo Lightning’: Flashes of a City in Luiz Ruffato’s *Eles eram muitos cavalos*.” *Luso-Brazilian Review* 4:22 (2005): 150-64.
- , org. *Uma Cidade em Camadas: Ensaio sobre o Romance Eles Eram Muitos Cavalos de Luiz Ruffato*. São Paulo: Horizonte, 2007.
- Holston, James. *Insurgent Citizenship: Disjunctions of Democracy and Modernity in Brazil*. Princeton: Princeton UP, 2008.
- Hossne, Andrea Saad. “Degradação e Acumulação: Considerações Sobre Alguma Obras de Ruffato”. *Uma Cidade em Camadas- Ensaio Sobre o Romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato*. Org. Marguerite Itamar Harrison. São Paulo: Horizonte, 2007, 92-107.
- Jameson, Frederic. *Postmodernism, or the Cultural Logic of Late Capitalism*. Duke UP, 1991.
- Kassouf, Ana Lúcia. “O que Conhecemos sobre o Trabalho Infantil?” *Nova Economia*. Belo Horizonte, 17:2 (2007); 323-50.
- Kristeva, Julia. *Powers of Horror: An Essay on Abjection*. Trans. L. S. Roudiez. New York: Columbia UP, 1982.
- Klein, Naomi. *The Shock Doctrine: the Rise of Disaster Capitalism*. New York: Picador, 2007.

- Lehnen, Leila. “Os Não Espaços da Metrópole: Espaço Urbano e Violência Social em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. *Uma Cidade em Camadas- Ensaio sobre o Romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato*. Org. Marguerite Itamar Harrison. São Paulo: Horizonte, 2007, 77-91.
- . “The Dire Streets of Marcelino Freire’s *Angu de Sangue*.” *Latin American Urban Cultural Production*. Ed. David Willian Foster. *Hispanic Issues On Line* 3.2 (Fall 2008): 30-48.
- Lopes, Chico. “Crônicas, Contos e Ensaio: Entrevista com Marcelino Freire.”
http://www.verdestrigos.org/sitenovo/site/cronica_ver.asp?id=992. (21 de junho de 2006), 1-5.
- Maia, Ana Paula. *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos*. São Paulo: Record, 2009.
- . *Killing Travis*, <http://killing-travis.blogspot.com> (blog de Ana Paula Maia)
- Marques, Eduardo. *Redes Sociais, Segregação e Pobreza*. São Paulo: UNESP, 2010.
- Negrão, José de Oliveira. “O Governo FHC e o Neoliberalismo”. *Lutas Sociais* vol.1.
 Web. Março 2011. http://www.pucsp.br/neils/downloads/v1_artigo_negrao.pdf.
- Packard, Vance. *The Hidden Persuaders*. New York: David McKay, 1957.
- Resende, Beatriz. *Contemporâneos: Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*.
 Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.
- Rotker, Susana, ed. *Citizens of Fear: Urban Violence in Latin America*. New Brunswick: Rutgers UP, 2002.
- Ruffato, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Record, 2007.
- Sá, Lúcia. *Life in the Megalopolis: Mexico City and São Paulo*. New York: Routledge, 2007.

Schollhammer, Karl Erik. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

Souza, Jessé. *A Ralé Brasileira: Quem é e Como Vive*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

Spivak, Gayatri Chakravorty. "Can the Subaltern Speak?" *Marxism and the Interpretation of Culture*. Ed. Cary Nelson and Lawrence Grossberg. Urbana: University of Illinois Press, 1998. 271-313.